

LEANDRO DE ARAÚJO CRESTANI  
EVANDRO JOSÉ MACHADO  
RODRIGO MATEUS HANSEN  
(Organizadores)

# NAS FRONTEIRAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE EDUCOMUNICAÇÃO



Editora Fasul

**NAS FRONTEIRAS DA EDUCAÇÃO E COMUNICAÇÃO:  
REFLEXÕES SOBRE EDUCOMUNICAÇÃO**



**2016**

**TOLEDO – PR**

Leandro de Araújo Crestani  
Evandro José Machado  
Rodrigo Mateus Hansen  
**(Organizadores)**

**Editor Responsável**  
Osmar Antonio Conte

**Diagramador da Editora FASUL**  
Daniel Felipe da Silva

**Ficha Catalográfica**  
Mariana Senhorini Caron  
CRB9-1462

N241 Nas fronteiras da educação e comunicação: reflexões sobre educomunicação / Leandro Araújo Crestani, Evandro José Machado, Rodrigo Mateus Hansen (Orgs.) – Toledo: Fasul, 2016.

126 p.

1. Educação. 2. Comunicação I. Crestani, Leandro Araújo. II. Machado, Evandro José. III. Hansen, Rodrigo Mateus.

CDD 22.ed. 370

**ISBN 978-85-89042-45-1**

**Direitos desta edição reservados à:**

**Fasul Ensino Superior Ltda**  
Av. Ministro Cirne Lima, 2565  
CEP 85903-590 – Toledo – Paraná - Brasil  
Tel. (45) 3277-4000 - e-mail: pos@fasul.edu.br

É proibida a reprodução parcial ou total desta obra,  
sem autorização prévia da editora ou do autor.

Depósito Legal na Biblioteca Nacional.

Divulgação eletrônica - Brasil - 2016

# SUMÁRIO

## **CAPÍTULO 1** - *DOCUMENTÁRIO MUITO ALÉM DA FEIRA DE CIÊNCIAS*

Página. 6

*Daiane Matos Lemos  
runa Emanuely Potrich  
Sabrina Marques Kuhn*

## **CAPÍTULO 2** - *O AUDIVISUAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA*

Página. 16

*Camila Larissa Angst  
Gustavo Henrique Maiberg  
Joice Camila Volkmann*

## **CAPÍTULO 3** - *A RÁDIO COMUNITÁRIA ALIADA À EDUCOMUNICAÇÃO*

Página. 24

*Roberta Elisa Da Cunha  
Amanda Guedes  
Diego Dechi  
Everton Leontino*

## **CAPÍTULO 4** - *JUVENTUDE EM FOCO: O JORNAL IMPRESSO EM PROL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS*

Página. 38

*Claudinéia Carletto  
Greciele Marangon  
Susy Fontenele*

## **CAPÍTULO 5** - *EDUCOMUNICAÇÃO: BLOG COMO ESTRÁTEGIA DE ANÁLISE LITERÁRIA*

Página. 44

*Jean Michel Laureth  
Felipe Fachini  
Gisela Stern*

**CAPÍTULO 6** - *O APRIMORAMENTO DO ENSINO APRENDIZADO COM A RÁDIO ESCOLAR*

Página. 55

Anny Carolini Aparecida da Silva

Rosana Aparecida Ciriaco

Thaís Caroline Belegante

**CAPÍTULO 7** - *O DOCUMENTÁRIO COMO ESTRATÉGIA DE MOBILIZAÇÃO*

Página.65

Rodrigo Mateus Hansen

## INTRODUÇÃO

Como disciplina, a Educação e Comunicação tem sido ensinada em instituições de ensino superior com o objetivo de conscientizar os estudantes a pensar em como o mundo seria um lugar melhor a partir do surgimento de novos projetos educomunicativos.

A Educomunicação é o ensino dos indivíduos perante as mídias, unindo Educação e Comunicação, integrando práticas de estudo, edificando ecossistemas educativos e fortalecendo as ações educativas já existentes.

Em *Documentário muito além da feira de ciências*, a abordagem educativa levou uma estudante do ensino superior a trazer para as telinhas, por meio do audiovisual, um aprofundamento, enfatizando a importância das ações científicas em busca de soluções para os problemas da vida em sociedade do século XX, realizadas em escolas de ensino fundamental e médio.

A necessidade de planejar e a prevenção em relação a assuntos do contexto pedagógico mostram em *o Audiovisual como ferramenta pedagógica*, como ações simples modificam as relações, estas nas quais estão, geralmente, acostumadas com ambientes marcados com práticas ditatoriais e autoritárias.

Os projetos de educomunicação ligados ao rádio possuem consigo o potencial de mobilização. Em *A rádio comunitária aliada à educomunicação* o conhecimento chega até o telespectador por meio das ondas do rádio. Neste aspecto, o indivíduo é responsável pela criação da imagem relacionada ao que ouve no rádio. Entra em cena a imaginação, que permite ao ser humano ultrapassar barreiras e adquirir conhecimento.

O trabalho da educomunicação pode ser concebido por meio incontáveis formas. A educação perante às mídias também trabalha diretamente com os jovens, indivíduos que tem o poder de mudar a sociedade desde o início de sua adolescência. Em um dos trabalhos deste livro que trabalha a questão da juventude, intitulado *Juventude em foco: o jornal impresso em prol da educação de jovens*, o meio escolhido para a abordagem foi o jornal impresso, que, diariamente sofre a ameaça de boatos sobre sua extinção. A mutação do processo jornalístico no quesito

impresso trouxe novas ideias a um cenário previsto como ultrapassado, frutos da ação da juventude.

Com o crescimento do meio digital, outro ponto trabalhado neste livro foi o da *Educomunicação: blog como estratégia de análise literária*. A junção da literatura como estratégia literária editada para o meio digital aproximou o leitor. Convivemos com o digital de uma forma íntima e o uso eficiente dos meios que tem o poder de tirar os indivíduos de seus estados atuais, fornecendo conhecimento e aproximando a literatura para com aos leitores.

Com os aprimoramentos e com a tecnologia, o rádio evoluiu. Novas emissoras surgiram e a popularização do meio foi pensada para o ensino. Em mais um capítulo sobre a abordagem radiofônica na educomunicação, *o aprimoramento do ensino aprendido com a rádio escolar* evidencia como a utilização do rádio em ambiente escolar pode trazer benefícios de forma geral. O rádio é uma ferramenta poderosa que, unida com a educação e com a necessidade de comunicar, podem formar muitos indivíduos.

O último capítulo desta obra traz uma abordagem jovem na área da educomunicação. Em *O documentário como estratégia de mobilização*, a produção de um documentário sobre o potencial da juventude evidenciou, de forma amostral, como a produção de um documentário voltado ao pensar na essência da juventude no Brasil se faz necessária.

Os trabalhos deste livro foram produzidos por estudantes do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo preocupados com a educação do país. Os textos foram produzidos em sala de aula e a maioria ganhou maiores horizontes. Documentários produzidos foram apresentados em escolas e seminários. Os produtos destes trabalhos foram disseminados no ambiente digital e compartilhados incontáveis vezes devido a sua importância, necessidade e abordagem. Devido a isso, compilamos esses trabalhos em forma de livro visando alcançar mais leitores e levar a Educação e a Comunicação a fronteiras desconhecidas.

*Leandro de Araújo Crestani*

*Evandro José Machado*

*Rodrigo Mateus Hansen*

## CAPÍTULO 1

### DOCUMENTÁRIO MUITO ALÉM DA FEIRA DE CIÊNCIAS

*Daiane Matos Lemos*

*Bruna Emanuely Potrich*

*Sabrina Marques Kuhn*

#### INTRODUÇÃO

É tradição na área da Educação o desenvolvimento da famosa práxis (teoria e prática). Nessa ótica, há vários anos, o Colégio Estadual Jardim Gisele realiza a Feira de Ciências com o propósito de estimular os alunos a desenvolverem suas habilidades cognitivas e interpessoais na elaboração de trabalhos científicos.

A feira, trabalhada de maneira interdisciplinar, incentiva os alunos no desenvolvimento de atividades que despertam o espírito de liderança e a cooperação do trabalho em equipe. À vista disso, a cada ano, os trabalhos e as inovações no ramo da ciência são novidades. A escola, por sua vez, tem proporcionado que essas inovações, ao seu tempo, sejam exploradas pelos alunos.

Na escola, a feira busca a promoção da integração entre os alunos e a comunidade. O documentário “Muito Além da Feira de Ciências” retrata a experiência da turma de terceiro ano do Colégio Estadual Jardim Gisela. A turma do “terceirão” promoveu o trabalho, com a participação de toda a turma. Os alunos trouxeram uma proposta de Cidade Sustentável. A ideia deles era apresentar uma nova alternativa para algumas práticas atuais que estão promovendo a degradação do meio ambiente. Entre as soluções exibidas pelos alunos, eles apresentaram o biodigestor, uma alternativa para gás natural e da utilização de adubos para as plantações.

A floresta da memória foi pensada como substituição do cemitério. A ideia aponta que, cada pessoa, ainda em vida, escolha uma árvore que deseja ser representada quando falecer. A partir desse momento, o corpo é enterrado e a decomposição do cadáver serve como forma de adubo para essa planta.

Pensando em energia, a eólica foi escolhida pelo grupo por ser menos poluente e agressiva ao meio ambiente. Os alunos também pensaram no reflorestamento dos aterros sanitários após atingir a capacidade de lixo entulhado.

Os telhados verdes ganharam espaço nessa cidade. Feitos de plantas, eles buscam diminuir o calor. As cisternas também foram pensadas na captação de água das chuvas.

Em suma, as ideias que foram propostas pelos alunos não foram inventadas por eles. No entanto, eles buscaram alternativas para todas as formas de poluição no século XX.

O objetivo do documentário não era somente de propagar a ideia da cidade sustentável apresentada pelos estudantes, mas mostrar a feira aos olhos aos próprios alunos que a produziram, retratar como surgiu a ideia do tema, a divisão do trabalho, as dificuldades enfrentadas e, por fim, a avaliação do que os próprios alunos acham a respeito da preservação ambiental.

Sabemos que dentro de uma feira de ciências são expostos inúmeros trabalhos, tornando-se comum que esse ou aquele trabalho acabe passando despercebido, sem a devida atenção. A comunidade que visita e observa os trabalhos não dimensiona o tempo utilizado para desenvolver a maquete, como foi o entrosamento dos alunos ou quais as dificuldades que eles enfrentaram durante a produção. Por muitas vezes, a única coisa que o trabalho recebe é um olhar pouco minucioso, que nem sequer imagina o trabalho que deu para ganhar forma.

Pensando assim, nossa proposta era dar a oportunidade para que essa turma contasse com outro prisma, mostrando como foi a sensação de construir esse trabalho desafiador.

## 1. DOCUMENTÁRIO NA ESCOLA

Como forma de usar a tecnologia em favor da aprendizagem dos alunos, as produções audiovisuais tem se tornado uma forma útil de transpor conteúdos, dinamizar a aula e atrair o olhar dos estudantes. Além de melhorar o desempenho escolar, trazer a tecnologia para dentro da sala de aula é quase uma exigência para os tempos atuais.

Segundo o especialista Pierre Babin (2011), os alunos têm na linguagem audiovisual uma grande aliada, porque ela estimula os dois hemisférios do cérebro: o esquerdo, no qual está situado o centro da linguagem; e o direito, região em que se situa a faculdade da visão.

O autor Fernão Ramos (2009), explica o que é um documentário e qual a visão que as pessoas precisam ter dele.

Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados. (RAMOS *apud* DIAS, 2009, p. 02).

O documentário define-se por vários fatores. Nichols (2007) diz que o documentário costuma ser dividido em períodos, que separam os assuntos, as épocas e os personagens:

A variação de cenas do documentário é mais frequente que nos filmes de ficção, que mostram cenas maiores com pouco corte para que o diálogo seja completamente compreendido. No documentário, o relato de um personagem, muitas vezes, tem que ser desmontado para gerar maior dinamismo ao produto. (NICHOLS, *apud* MAGALHÃES, 2014, p. 14).

Fernão (2009) explica diferença entre documentário e ficção.

Por mais que a ficção possa utilizar elementos da narrativa documentária (como a locução), ficção e documentário se diferenciam, segundo Fernão Ramos, porque a intenção do autor de uma ficção é unicamente a de entreter o espectador, ao passo que a intenção do autor de um documentário é a de fazer asserções sobre o mundo, ou seja, marcar posição frente a uma questão e não apenas entreter o espectador. (RAMOS *apud* DIAS, 2009, p. 2).

Considerando o desenvolvimento intelectual dos alunos, a promoção de práticas audiovisuais no âmbito educacional permite o exercício do pensamento reflexivo. Conforme Tardif (2002), atividades pedagógicas como essa conduzem os alunos à uma visão política de cidadania, buscando a integração com a arte, a cultura, os valores e a interação, propiciando, assim, a recuperação da autonomia dos sujeitos e de sua ocupação no mundo de forma significativa.

## **2. DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA**

Como forma de colocar a Educomunicação em prática, nossa proposta foi tornar a Feira de Ciências do Colégio Estadual Jardim Gisele um produto jornalístico. Para isso, escolhemos esse evento e buscamos retratar a realidade por trás da maquete, aquilo que não é visto.

O comum seria produzir um documentário explicando somente o tema “Cidade Sustentável”, expondo os conteúdos, a habilidade dos alunos na condução das apresentações, e se atenderam ou não a problemática proposta.

No entanto, queríamos proporcionar aos alunos o exercício de reflexão. Que eles nos dissessem tudo aquilo que não seria mostrado para os visitantes: quais foram as dificuldades, o que foi mais difícil de fazer, qual era a expectativas deles e se essa mesma expectativa foi suprida.

Para isso, fomos para trás da maquete e buscamos entender o processo que se deu e como chegou naquele resultado.

Sabemos que durante a feira de ciências, com tantos experimentos diferentes e inovadores, as vezes os olhares não conseguem ver além do

que é exposto. Assim, mais do que nunca, queríamos proporcionar algo diferente para a turma. Nosso objetivo era que eles dissessem o quanto foi trabalhoso elaborar o trabalho que só seria exposto por uma manhã.

### **3. METODOLOGIA**

Começamos as gravações na sexta-feira, 25 de setembro de 2015, dia anterior à feira de ciências. Nesse dia, os alunos estavam montando a maquete para que ficasse tudo pronto para a feira.

Para que o documentário ficasse o mais próximo da linguagem e do contexto dos alunos, pedimos para que eles começassem apresentando o trabalho. Os alunos explicaram cada uma das ideias apresentadas na cidade sustentável perante às câmeras.

Depois de apresentado o trabalho, pedimos para que eles nos contassem como foi a escolha do tema. A ideia partiu de dois colegas de classe, que percebiam que a sala era desunida e queriam, com a feira de ciências, acabar com os desentendimentos existentes. Foi quando fizeram a proposta para que todos juntos desenvolvessem um único projeto. Os alunos contaram que no início houve resistência, afinal o resultado do trabalho dependeria da união de todos.

Eles explicaram que, até o projeto engrenar, levou um bom tempo. Eles não sabiam exatamente como começar e isso foi atrasando o trabalho. Com apenas uma prancha de Medium-Density Fiberboard, mais conhecido pela sigla MDF, como base do projeto, começaram a medir e desenvolver a maquete ainda no papel. Depois disso, pontuaram quais seriam as propostas que a cidade sustentável apresentaria para a comunidade.

Definidos os temas, a turma dividiu-se em grupos para que cada um se aprofundasse em determinado assunto. Durante as aulas de química e em várias vezes no extraclasse, os alunos se reuniram para fazer a pintura, a construção e confecção das peças que iriam compor a cidade e, aos poucos, construíram o que ainda faltava. A maquete completa foi vista apenas na sexta-feira, quando todos os pedaços se juntaram e os últimos ajustes foram feitos.

Após o trabalho concluído, eles nos disseram que o resultado ficou ainda melhor do que eles imaginavam. A expectativa era então para que a apresentação para a comunidade saísse tudo conforme o programado.

No sábado, dia 26 de setembro de 2015, a Feira de Ciências começou logo cedo. Durante a manhã, a comunidade e os professores passaram fazendo visitas, prestigiando o trabalho e a apresentação dos alunos.

Captamos então o depoimento dos professores e das pessoas envolvidas na elaboração do trabalho. A professora de Química, Gabriele Leske, contou que o diferencial foi a união da turma. Ela auxiliou nas explicações referentes ao conteúdo, no entanto, toda a parte física do trabalho foi feita pelos alunos.

Os estudantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) participaram da feira e foram os responsáveis por fazer a inscrição dos alunos, auxiliar na escolha do tema e orientando no conteúdo. No depoimento deles, procuramos expor a importância da promoção de eventos como a feira de ciências e também, como é importante a integração da universidade com a escola.

O depoimento da Bruna Pilger, uma das alunas que propôs que o trabalho fosse em equipe, também compôs o documentário. Procuramos retratar a preocupação dela em tornar a sala mais unida e coletivamente mais produtiva.

Por fim, pedimos para uma aluna contar qual foi a reação da comunidade enquanto ela apresentava o trabalho. Tainá Ferreira relatou que as pessoas ficavam admiradas com a possibilidade de tornar a cidade e o mundo mais sustentável, com atitudes que estão no alcance de todos.

A maquete da cidade será apresentada na Feira de Ciências da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste), com a oportunidade de atingir um número maior de pessoas.

Em suma, o documentário mostrou que a comunidade que passou visitar a feira acabou não percebendo. As dificuldades, as aflições, a preocupação com os detalhes, o texto mastigado e decorado, na ponta da língua por parte dos estudantes. Por meio do documentário, retratamos, em forma de audiovisual, alguns desses sentimentos.

O documentário buscou seguir a linguagem utilizada por eles. Feito naturalmente, sem a preocupação com o que falar ou deixar de falar, queríamos que eles se sentissem à vontade para nos contar como foi a construção desse trabalho, da mesma forma como eles contariam para a família, para os amigos, do jeito deles.

#### **4. RESULTADO**

Como avisamos previamente aos alunos que realizaríamos um documentário, houve certa resistência. Na verdade, ao mesmo tempo em que ficaram felizes com a oportunidade de participar e construir um trabalho sobre eles, o fato de ter que aparecer na frente das câmeras foi o que os deixou inseguros.

Durante as gravações, procuramos deixá-los confortáveis, lembrando que os discursos precisavam ser naturais. Nada de ensaio, nada de palavras bonitas ou de expressões que eles não costumavam usar.

Aos poucos, vendo os colegas falando, os outros foram se encorajando. Entenderam tão bem a proposta que foram conduzindo o trabalho por si só.

No dia da feira, captamos imagens dos alunos apresentando, da comunidade prestigiando e também, das reações de quem foi visitar o local. Os depoimentos que também fizeram parte do material enfatizaram o trabalho em equipe, a importância da cooperação e também, a excelência do resultado.

Eles responderam a proposta inicial de criar uma maquete e com isso, receberam a maior nota na avaliação. O trabalho também foi escolhido para participar da Feira de Ciências da Unioeste, o que deixou os alunos ainda mais felizes em razão de ter visto uma “recompensa” pelo esforço do trabalho.

O documentário, para eles, foi uma forma de propagar o trabalho e levá-lo ainda mais longe, para mais pessoas. O resultado, bastante dinâmico, divertido. As imagens ficaram bonitas e a naturalidade dos alunos tornou o documentário ainda mais próximo da realidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O mais interessante do trabalho foi que, apesar dos alunos estarem dispostos a impressionar com o trabalho e também obter a melhor nota, eles mostraram o comprometimento em trazer, definitivamente, formas reais e possíveis para que o projeto da cidade sustentável fosse real. O sucesso do projeto não se deu apenas pelo êxito do trabalho em grupo, mas na ânsia de fazer algo diferente.

Embora todos os temas apresentados existam, o fator inovador foi a maneira como eles se preocuparam em edificar uma cidade inteira de forma sustentável.

## REFERÊNCIAS

FERNANDES, Márcio Regis; FERREIRA, Maria Nahir Batista. **Video Documentário:** Um Instrumento Do Ensino-Aprendizagem De História. Disponível em: [http://www.ce.anpuh.org/1341026093\\_ARQUIVO\\_ArtigoVideodocumentarioAnpuh.ppd](http://www.ce.anpuh.org/1341026093_ARQUIVO_ArtigoVideodocumentarioAnpuh.ppd) . Acesso em: 25/10/2015 às 22:47.

MAGALHÃES, Thaís Freire Martins. **“EU NÃO SOU LOUCO” Documentário sobre os pacientes do CAPS do Paranoá.** Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/5423/1/21118360.pdf> . Acesso em 22/10/2015 às 21:20.

RAMOS, Rodrigo Pessoa. **Em Busca Da Definição:** Mas Afinal... O Que É Mesmo Documentário? De Fernão Pessoa Ramos. Disponível em: [http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha\\_1\\_Rodrigo\\_Francisco\\_Dias.pdf](http://www.revistafenix.pro.br/PDF19/Resenha_1_Rodrigo_Francisco_Dias.pdf). Acesso em: 23/10/2015 às 11:00.

## CAPÍTULO 2

### O AUDIVISUAL COMO FERRAMENTA PEDAGÓGICA

*Camila Larissa Angst*

*Gustavo Henrique Maiberg*

*Joice Camila Volkmann*

#### INTRODUÇÃO

Vivemos a era pós-moderna. A velocidade em que temos acesso às informações aumenta a cada dia, visto que praticamente todos têm um *smartphone* e acesso às tecnologias, em geral. Com isso, os alunos - principalmente adolescentes -, prestam mais atenção no que seus amigos mandaram no *whatsapp* do que na matéria que seu professor está passando.

Uma solução para esse problema seria usar esses avanços tecnológicos a favor da educação, a exemplo dos vídeos como auxílio nas aulas. Não seria fantástico o aluno ter um resumo em vídeo sobre a aula do professor? Ou um vídeo explicando aquela matéria da prova?

Ainda que lentamente, os meios tecnológicos de comunicação já começam a fazer parte do dia a dia do ensino escolar. Mesmo com receio, aos poucos os professores vão se adequando às novas ferramentas pedagógicas para serem utilizadas em sala de aula.

O audiovisual transforma as novas tecnologias de vilões para aliados, pois uma aula comum, feita com o auxílio do audiovisual se torna prazerosa. O aluno entende como um lazer esse tipo de aula, facilitando o aprendizado e não prejudicando o ensino.

O audiovisual é uma das ferramentas que desponta a ser uma das mais utilizadas no futuro para dar aula. Porém, os profissionais têm muitas dúvidas e muitos têm pouca experiência com as novas tecnologias, complicando a introdução dessas ferramentas ao dia a dia.

O presente artigo busca analisar, por meio de pesquisa em artigos disponibilizados na internet, a importância do audiovisual como uma ferramenta pedagógica, encorajando os profissionais da educação a aplicá-las em auxílio da educação, se tornando uma forma de ensino acessível a todos, que chame a atenção da nova geração e que facilite a vida dos profissionais da educação.

## **1 A CHEGADA DE NOVAS FERRAMENTAS EDUCACIONAIS**

Existe certa resistência em usar as novas ferramentas que a tecnologia oferece na educação. O fato de que muitos professores ainda não tem o domínio também contribui para que o ensino continue o tradicional.

O ensino tradicional pode se tornar entediante para a nova geração de alunos. Ficar horas ouvindo um professor é considerado “chato”. Isso faz que os alunos parem de prestar atenção e comecem a fazer outra coisa no meio da aula, se distraíndo e, conseqüentemente, perdendo conteúdos importantes para o aprendizado.

Todavia, o receio que os educadores ainda têm com as novas tecnologias se torna uma barreira para um avanço nas formas de ensino. Apesar disso, todo profissional deveria se especializar e adquirir novos conhecimentos e formas para passarem sua aula, como afirma José Manuel Moran: “Os professores, em qualquer curso presencial, precisam aprender a gerenciar vários espaços e a integrá-los de forma aberta, equilibrada e inovadora”. (MORAN, 2004, p. 02).

Com as novas tecnologias temos uma abertura para novos horizontes de ensino. Com a ajuda das instituições educacionais, o aluno e os professores podem aprender e ensinar ao mesmo tempo.

No entanto, para isso precisam ser mudadas as formas de ensinar e acrescentar no conteúdo as novas ferramentas que a tecnologia midiática oferece.

Precisamos repensar todo o processo, reaprender a ensinar, a estar com os alunos, a orientar atividades, a definir o que vale a pena fazer para aprender, juntos ou separados.

Abrem-se novos campos na educação on-line, pela Internet, principalmente na educação a distância. Mas também na educação presencial a chegada da Internet está trazendo novos desafios para a sala de aula, tanto tecnológicos como pedagógicos. As tecnologias sozinhas não mudam a escola, mas trazem mil possibilidades de apoio ao professor e de interação com e entre os alunos (MORAN, 2004, p. 01).

A sala de aula deve ser apenas mais um entre os espaços de aprendizagem, sem que o professor se restrinja só a sala, mas a diversas atividades fora do ambiente tradicional de ensino.

### **AUDIOVISUAL: NOVOS CAMINHOS USADOS PELOS EDUCADORES**

Uma nova geração de jovens nasceu e cresceu com essas facilidades e sua atenção é voltada no que seja mais prático, veloz e interativo. Por esse mesmo motivo, o uso de vídeos na sala de aula pode se tornar uma nova ferramenta para o melhor ensino, mais que os vídeos não se limitarem só a sala de aula.

O vídeo ajuda a um bom professor, atrai os alunos, mas não modifica substancialmente a relação pedagógica. [...] TV e vídeo encontraram a fórmula de comunicar-se com a maioria das pessoas, tanto crianças como adultas. [...] As linguagens da TV e do vídeo respondem à sensibilidade dos jovens e da grande maioria da população adulta. (MORAN, 1995, p. 02)

O uso de audiovisual na sala de aula seduz o jovem e adolescente, fazendo que ele tenha um aprendizado com uma maior facilidade. O interesse dos jovens também aumenta pelo assunto que o professor deseja ensinar.

O vídeo está umbilicalmente ligado à televisão e a um contexto de lazer, e entretenimento, que passa imperceptivelmente para a sala de aula. Vídeo, na cabeça dos alunos, significa descanso e não “aula”, o que modifica a postura, as expectativas em relação ao seu uso. (MORAN, 1995, p. 01)

O audiovisual vai estimular o conhecimento e prender a atenção do aluno, muitas vezes até por um longo período.

O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário) em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial-cinestésica, com a audiovisual, a intuição com a lógica, a emoção com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional. (MORAN, 1995, p. 02)

O professor também tem a facilidade de ter sua aula registrada para o uso em outras aulas e os pais de alunos podem acompanhar um pouco os conteúdos que seus filhos estão aprendendo.

O professor, usando o audiovisual, sai do tradicional cotidiano e prende a atenção do aluno, além de fornecer uma aula em que o aluno pode participar de forma ativa criando os vídeos de determinado assunto, assim podem sair da sala de aula e ter novos ambientes como laboratórios de informática ou lugares de gravações, fazendo com que o método de ensino seja agradável.

Para essa prática o professor precisa se disponibilizar a compreender os meios de provocar os alunos a participar de sua aula, sempre questionando seus métodos já prontos para evoluir, como afirma José Manuel Moran.

Uma segunda dimensão pedagógica procura questionar essa compreensão, criar uma tensão para superá-la, para modificá-la, para avançar para novas sínteses, novos momentos e formas de compreensão. Para isso o professor precisa questionar, tensionar, provocar o nível da compreensão existente. (2004, p. 04)

O audiovisual na sala de aula serve como uma ferramenta do professor para provocar novos meios de abertura ao tema que quer explicar para o aluno, de uma maneira de fácil compreensão.

Também serve para confirmar e revisar uma matéria já passada, organizando o conhecimento do aluno.

Educar um processo dialético, quando bem realizado, mas que, em muitas situações concretas, vê-se diluído pelo peso da organização, da massificação, da burocratização, da “rotinização”, que freia o impulso questionador, superador, inovador. (MORAN, 2004, p. 05)

Mesmo sendo uma prática ainda pouco utilizada, o audiovisual deve ser o futuro da educação, junto com novas tecnologias. Desta forma, consegue-se tornar o ensino mais prático, fácil e prazeroso tanto para os educadores quanto para os alunos.

## **A IMPORTÂNCIA DO AUDIOVISUAL EM SALA DE AULA**

O uso do audiovisual permite que os alunos saiam da rotina padrão das salas de aula, fazendo o uso de ferramentas de entretenimento eles podem se sentir mais à vontade e aprender de uma forma mais “leve”. Consoante Araújo; Cozendey; Gomes; Souza (2015), a necessidade de nosso tempo é a busca pela utilização de novas tecnologias disponíveis ao ensino.

O modelo de ensino aplicado em escolas brasileiras está atrasado em comparação a outros países. A jornada em sala de aula com conteúdo teórico é muito maior e menos eficiente que no exterior. Isso pode causar incômodo aos jovens e, conseqüentemente, desmotivação quanto às aulas.

O conteúdo em audiovisual pode oportunizar aos alunos uma visão melhor do assunto trabalhado na teoria, mostrando realidades sociais e conteúdo de ciências exatas de forma mais dinâmica, assim como a exemplificação mais simples de ciências biológicas, que algumas vezes, se tornam mais complicadas apenas com as palavras do professor. Neste caso, a imagem em vídeo pode esclarecer alguma dúvida ou o baixo entendimento do aluno.

O vídeo ainda pode ser produzido em sala, para ser utilizado futuramente quando precisar de tal conteúdo:

Como documentação, registro de eventos, de aulas, de estudos do meio, de experiências, de entrevistas, depoimentos. Isto facilita o trabalho do professor, dos alunos e dos futuros alunos. O professor deve poder documentar o que é mais importante para o seu trabalho, ter o seu próprio material de vídeo assim como tem os seus livros e apostilas para preparar as suas aulas. O professor estará atento para gravar o material audiovisual mais utilizado, para não depender sempre do empréstimo ou aluguel dos mesmos programas. (MORAN, 1994, p. 01)

Podemos exemplificar um conteúdo ensinando os alunos a utilizar ferramentas do computador para produzirem seus trabalhos. No caso, poderia ser dicas de planilhas do *excel* ou formatação no *word*, *writer* e semelhantes. Não seria necessário o professor repassar todo o conteúdo, apenas disponibilizar o material aos alunos para consulta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente trabalho propôs analisar, por meio de pesquisa bibliográfica, a utilização do audiovisual como ferramenta pedagógica que vem, aos poucos, sendo incluído em sala de aula. Apesar da resistência de parte do colegiado, o audiovisual tem mostrado que possui grande potencial na transmissão do conhecimento.

Com a adequação dos professores às novas tecnologias, a utilização de vídeos educativos atua como ferramenta educacional. Neste caso, o professor tem a oportunidade de interagir mais com seus alunos e, os próprios estudantes entre si, também interagem e estudam em conjunto. A troca de experiências pode acontecer também, quando o professor não possui domínio da tecnologia e busca auxílio nos alunos, que convivem desde a infância com computadores, celulares e outros meios.

Qualquer forma de transmissão de conhecimento é válida quando se trata da formação do estudante. E tornar a aula mais agradável, atrativa e dinâmica permite uma maior absorção das informações por parte dos alunos e garante maior rendimento do conteúdo.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Cristiano Paulo; COZENDEY, Sabrina Gomes; GOMES, Alzimar Fernandes; SOUZA, Marcelo de Oliveira. **Uma experiência de desenvolvimento de vídeos didáticos para a apresentação de conceitos básicos de Física em escolas secundárias da região Norte-Fluminense**. XVI Simpósio Nacional de Ensino de Física. 4 pgs. Disponível em: [http://www.cienciamao.usp.br/dados/snef/\\_umaexperienciadedesenvol.trabalho.pdf](http://www.cienciamao.usp.br/dados/snef/_umaexperienciadedesenvol.trabalho.pdf). Acesso em: 5 nov. 2015. Horário: 14:17.

MORAN, José Manuel. **A educação que desejamos novos desafios e como chegar lá**, Campinas. Papirus, 2007. 12º Endipe – Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, in ROMANOWSKI, Joana Paulin et al (Orgs). Conhecimento local e conhecimento universal: Diversidade, mídias e tecnologias na educação. vol 2, Curitiba, Champagnat, 2004, páginas 245-253. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/nucleoad/documentos/moranOsnovos.htm>. Acesso em 5 nov. 2015. Horário: 14h15.

MORAN, José Manuel. **Comunicação & Educação**, São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995. Disponível em: [http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/desafios\\_pessoais/vidsal.pdf](http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/desafios_pessoais/vidsal.pdf). Acesso em: 5 nov. 2015. Horário: 14h23.

\_\_\_\_\_. Os novos espaços de atuação do professor com as tecnologias. **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 4, n. 12, p.13-21, maio/ago. 2004. Disponível em: <https://www2.pucpr.br/reol/index.php/dialogo?dd99=pdf&dd1=616>. Acesso em 5 nov. 2015. Horário 14h35.

\_\_\_\_\_. O Uso das Novas Tecnologias da Informação e da Comunicação na EAD - uma leitura crítica dos meios. Palestra proferida no evento “**Programa TV Escola - Capacitação de Gerentes**”, realizado pela COPEAD/SEED/MEC. Belo Horizonte e Fortaleza, 1999. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/T6%20TextoMoran.pdf>. Acesso em: 5 nov. 2015. Horário: 14h32.

\_\_\_\_\_. O Vídeo na Sala de Aula. **Revista Comunicação & Educação**, São Paulo, ECA-Ed. Moderna, [2]: 27 a 35, jan./abr. de 1995. Disponível em: [http://extensao.fecap.br/artigoteca/Art\\_015.pdf](http://extensao.fecap.br/artigoteca/Art_015.pdf). Acesso em 5 nov. 2015. Horário: 14h20.

\_\_\_\_\_. O vídeo na sala de aula. **Revista Comunicação e Educação**, número 2, Editora Moderna, 1994. Disponível em: <http://penta2.ufrgs.br/figuras/vidsal.htm>. Acesso em 5 nov. 2015. Horário: 14h18.

# **CAPÍTULO 3**

## **A RÁDIO COMUNITÁRIA ALIADA À EDUCOMUNICAÇÃO**

*Roberta Elisa Da Cunha*

*Amanda Guedes*

*Diego Dechi*

*Everton Leontino*

### **INTRODUÇÃO**

O rádio está presente na vida das pessoas há quase 120 anos. Este veículo deu origem a muitos programas consagrados e levou mais informações às pessoas.

Um programa radiofônico aliado à educomunicação tem o poder de levar conhecimento por meio da voz. Este processo pode ser inserido no cotidiano do aluno desde a fase de alfabetização, com contação de histórias e músicas, até o ensino superior, onde há uma troca de conhecimento aluno/professor, professor/aluno e aluno/aluno.

Uma rádio comunitária tem o poder de dar voz à população. Quando implantada no ambiente estudantil, pode acarretar em troca de culturas, conhecimentos e diversidade.

Com a construção de um conteúdo radiofônico, os envolvidos no projeto acabam exercitando o trabalho equipe, trocando conhecimentos e experiências. Estes jovens podem levar tal projeto a uma extensão além das escolas e universidades, pode se tornar um projeto social.

### **1. EDUCOMUNICAÇÃO**

A educomunicação surgiu a partir de uma necessidade de agregar a tecnologia ao aprendizado, gerando conteúdo e agregando conhecimento em TV, rádio, impresso e assessoria. Quando usadas de

forma correta, pensando no valor educacional, as ferramentas midiáticas caminham junto ao conhecimento e podem potencializar o aprendizado em qualquer área, não só para os alunos, mas também professores, coordenação e afins.

Educomunicação define-se como um conjunto das ações destinadas a integrar às práticas educativas o estudo sistemático dos sistemas de comunicação, criar e fortalecer ecossistemas comunicativos em espaços educativos, o que significa criar e rever as relações de comunicação na escola, entre direção, professores e alunos, bem como da escola para com a comunidade, criando sempre ambientes abertos e democráticos. Melhorar o coeficiente expressivo e comunicativo das ações educativas, para tanto, incluímos o rádio como recurso privilegiado, tanto como facilitador no processo de aprendizagem, quanto como recurso de expressão para alunos, professores e membros da comunidade. (SOARES, 2004, p. 01).

Ainda segundo o professor Ismar Soares, a educomunicação necessita que alguns pontos importantes sejam ressaltados, pois é a base para se obter sucesso nos projetos educacionais.

Manter um plano de conjuntos de ações, junto à equipe das instituições de ensino, e não ações isoladas. Para Soares (2004), uma ação isolada não modifica as relações de comunicação num ambiente marcado por práticas autoritárias, as mudanças devem ser conjuntas e de comum acordo.

Todo planejamento deve envolver os agentes ou beneficiários das ações, para que seja agradável a todos. Segundo Soares (2004), por isso devem ser convidados os professores, alunos e membros das comunidades a desenvolverem os planejamentos em conjunto. A educomunicação busca rever os conceitos da comunicação tradicional, como se ela existisse apenas para iludir as pessoas ou fazer a boa imagem dos que detêm o poder e a fama na sociedade. Os conceitos de educomunicação refutam esse viés, comunicação é feita para socializar e criar consensos, Soares (2004), afirma, ela é inclusiva e seu objetivo principal é o crescimento da autoestima e da capacidade de expressão das pessoas.

O principal objetivo de um Projeto Educomunicativo é justamente o de, através de tecnologias de comunicação e informação, melhorar a relação entre os sujeitos que atuam na escola e desta com a comunidade, promovendo a troca, a união e a comunicação. Não se trata de uma abordagem instrumental de domínio de tecnologia e técnicas, mas da aquisição e do desenvolvimento de uma capacidade de comunicação que valorize cada indivíduo. É fundamental, nesta abordagem, o reconhecimento e o desenvolvimento da capacidade expressiva de cada um e a aplicação desse potencial para elevar a qualidade de comunicação na comunidade à qual o indivíduo pertence. (RAMOS, 2014, p. 02).

A falta de interação e diálogos entre professores e alunos, em uma escola, muitas vezes é atribuída a fatores de infraestrutura, como por exemplo, a falta de espaço ou equipamentos. A verdade é que grande parte das instituições nem se quer discutem sobre o assunto e isso cria uma carência que afasta os envolvidos e prejudica o processo educacional.

A educomunicação pensa em um uso para a tecnologia e as mídias de uma forma a agregar valores, e não com o objetivo de alimentar a competições de ego, como frequentemente acontece nas mídias tradicionais, movidas pela publicidade.

Na Educomunicação, o “receptor ativo” pode transformar-se também em “comunicador criativo”, caso tenha condições de aprender e de vivenciar novos modos de fazer comunicação. Para que isso aconteça, é necessário um contexto favorável. Quando falamos em contexto, falamos em cenários, em atores, em relações interpessoais e grupais. Um bom exemplo disso é o “Rádio Escola”. O rádio na escola necessita ser concebido como um projeto comunitário, envolvendo diretores, coordenadores, professores, estudantes, funcionários, enfim, todos os integrantes da comunidade escolar. Projetos bem-sucedidos têm em comum a concepção e o envolvimento de diversos agentes ligados ao cotidiano escolar. Dentro de uma perspectiva Educomunicativa, a criação de uma rádio na escola deve promover a participação crítica e igualitária dos indivíduos, permitindo que todos os segmentos possam se expressar, discutindo e refletindo sobre seus problemas, suas ideias e inquietações, mediando diálogos que nem sempre são possíveis face a face. (RAMOS, 2014, p. 03).

Projetos educacionais têm o objetivo de promover entre os jovens, ações que os estimulem a criar e buscar o conhecimento, mas para isso é preciso repensar quais são as atitudes tomadas, principalmente, em relação à postura de professores e toda a equipe pedagógica para com os alunos. Só assim será possível desenvolver as relações entre a escola e toda a sociedade.

## **1.1 EDUCOMUNICAÇÃO E A CRIAÇÃO DE RÁDIOS**

Desde o princípio da comunicação, o rádio fez-se como importante ferramenta para informar de maneira rápida e o século XX ainda marca o reconhecimento do rádio como uma das principais mídias. Durante sua existência o rádio precisou se adaptar a diversos acontecimentos que interferiram em seus projetos iniciais, como por exemplo, o surgimento e popularização da televisão e da internet. Mas quando tratamos da educação, o rádio ainda é a ferramenta de maior influência e socialização existente, usado de maneira correta e educacional serve para agregar valores.

A paixão pelo rádio explica-se pelo fato de a linguagem radiofônica ser capaz de facilitar o ideal de muitos professores de construir um processo educativo a partir do lugar onde seus estudantes se encontram. Embora outros recursos tecnológicos também facilitem essa ação, características do veículo, como custo mais baixo e menor complexidade técnica, tornam o rádio a melhor opção de muitos educadores. Em projetos espalhados pelo Brasil, o rádio vem-se convertendo num recurso tecnológico capaz de resgatar e valorizar a voz dos membros das comunidades, independentemente das condições sociais, econômicas e culturais dos sujeitos (professores, jovens aprendizes, agentes culturais etc.) envolvidos nos processos de formação. (RAMOS, 2014, p. 07).

Existem muitos fatos que ajudam na compreensão da importância e funcionalidade do rádio, como por exemplo, a abrangência. O rádio na maioria das vezes é regional, mas com o advento da tecnologia é possível atingir todo o país, há um grande número de rádios que produzem

conteúdos locais, por isso uma de suas marcas é a valorização da linguagem regional, mas os *podcasts* (programas de rádio transmitidos pela internet) inovaram na transmissão da informação.

Em pleno século XX, é possível carregar um aparelho de rádio para qualquer lugar, eles funcionam em pontos sem eletricidade e com uma geografia desfavorável, além de ser possível sintonizar rádios através de aparelhos nos automóveis e nos telefones celulares. As transmissões de rádio são de baixo custo, os preços dos transmissores utilizados são baixos e evitam gastos adicionais que contém nos demais meios de comunicação de massa.

Eventos esportivos, políticos e demais coberturas jornalísticas podem ser transmitidas ao vivo no rádio sem muita complicação, e por ter um alcance tão abrangente o rádio atinge mais pessoas, fazendo com que a transmissão de informações seja mais eficiente. Por envolver somente um dos sentidos, a audição, o rádio dá autonomia aos seus ouvintes, permitindo que outras atividades possam ser desempenhas ao mesmo tempo em que praticam outras atividades.

Queremos uma rádio que tenha a participação de todos, seja livre para a gente dizer o que pensa e dê transparência ao que se faz na escola. Antes de serem tomadas decisões que mexem com a gente, queremos que elas sejam apresentadas e discutidas na rádio, e que ela convide toda a comunidade a se manifestar. Queremos uma rádio que não fira ninguém com nenhuma forma de discriminação, que ajude a nos prevenir contra a ameaça das drogas e da violência. (RAMOS, 2014, p. 07).

A inclusão é um importante fator da educomunicação, principalmente quando trabalhamos com a produção radiofônica que tem um longo alcance. Em sociedades com nível baixo de alfabetização, essa característica torna o rádio um importante instrumento de informação e de educação.

O rádio não discrimina pessoas não alfabetizadas, para ouvir mensagens radiofônicas é necessária apenas à recepção do sinal. Outro fator importante é a interação dos ouvintes, que podem participar da transmissão interagindo enquanto ela acontece, através de telefonemas ou mensagens enviadas pela internet.

## **2. PROCEDIMENTOS PARA A CRIAÇÃO DE UMA RÁDIO COMUNITÁRIA.**

As rádios comunitárias têm o poder de dar voz aos populares, livre de interesses econômicos e com a única preocupação relacionada ao bem-estar social, de modo a propagar o conhecimento e lazer para a comunidade, contribuindo na formação de cidadãos conscientes.

Este tornar explícito (mediado pelo discurso radiofônico) vem indissociado do conhecimento tácito, experimentado por comunidades rurais e urbanas. A Reprodutibilidade Técnica, o acesso as novas tecnologias, permite que instituições, organizações não governamentais e/ou indivíduos passem a produzir seus próprios conteúdos midiáticos, não mais atrelados aos sistemas das grandes corporações (broadcasting) e seus interesses de manutenção de um modelo capitalista de exploração, sustentado pela publicidade e pelos ideais do establishment, menos preocupado com valores éticos e formação cidadã. (SOUZA, 2015, p. 02).

No entanto, estas rádios operam na ilegalidade, sendo que a constituição brasileira determina que veículos de comunicação precisam de concessão pública para entrar no ar, e as rádios comunitárias, em geral organizadas por amantes da radio difusão, não possuem esta permissão.

Rádios livres são emissoras que entram no ar, ocupam um espaço do dial, sem concessão, permissão ou autorização de canal por parte do Governo, sendo, portanto, caracterizadas como ilegais. Costumam ser chamadas também de clandestinas ou piratas. São consideradas ilegais com base na Lei 4.117, de 27 de agosto de 1962, e no Decreto-lei 236 de 1967. Os quais proíbem a instalação ou utilização de telecomunicações sem autorização do Governo, mas são omissos quanto a tipificação das rádios de baixa potência. Porém, a Constituição Brasileira de 1988, Art. 220, garante que “manifestação do pensamento, a criação, a expressão e a informação, sob qualquer forma, processo ou veículo não sofrerão qualquer restrição”, e no Art. 5º assegura: “é livre a expressão da atividade intelectual, artística, científica e de comunicação, independente de censura ou licença” (PERUZZO, 2006, p. 02)

Porém, o Brasil defende a liberdade de imprensa e é contra qualquer ato que vá contra a limitação da comunicação, não sendo permitida a censura prévia dos meios de comunicação e o cerceamento de ideias, opiniões e expressão de ideias.

O Brasil também é signatário do Pacto de San José da Costa Rica, celebrado por ocasião da Convenção Americana sobre Direitos Humanos, em 1969, que declara ser o exercício de liberdade de pensamento e expressão “não pode estar sujeito a censura prévia, mas a responsabilidades ulteriores, que devem ser expressamente fixadas em lei” e que “não se pode restringir o direito de liberdade de expressão por vias e meios indiretos, tais como abuso de controles oficiais ou particulares de papel de imprensa, de frequência radioelétricas ou de equipamentos e aparelhos usados na difusão de informação, nem por quaisquer outros meios destinados a obstar a comunicação e a circulação de ideias e opiniões” (PERUZZO, 2006, p. 02)

Para a implantação da rádio comunitária, mesmo que ilegalmente, muitas comunidades improvisaram a comunicação via alto falantes, para propagar a informação da rádio pela comunidade. Esta é a forma mais fácil de implantar uma rádio, e também a mais comum.

A origem dessas rádios está ancorada nas experiências de rádios populares de alto-falantes, também conhecidas como rádioposte, cujo apogeu ocorreu nos anos 80, no Brasil. A transmissão de programas através de alto-falantes, foi, e continua sendo em muitos lugares, o veículo de comunicação a que as organizações comunitárias tiveram acesso para poderem levar suas mensagens aos habitantes de determinadas localidades. São chamados de “rádio do povo” ou de “rádio popular”. (PERUZZO, 2006, p. 05)

A principal premissa para implantar uma rádio comunitária é a participação popular. Caso contrário, a rádio é caracterizada como rádio pirata, onde a rádio funciona como uma microempresa. A rádio, dentro da diversidade cultural dos variados tipos de rádio comunitária, deve trazer e dar voz ao povo da comunidade, manifestando a opinião de todos.

A diferença fundamental está em a rádio comunitária “pertencer a comunidade, ser organizada, dirigida, pautada e operada pela comunidade. Quem fala e quem ouve é a comunidade, sem os mediadores diplomados. (...) E saberá buscar no mercado os profissionais, quando deles sentir necessidade” (PERUZZO, 2006, p. 10)

### **3. A IMPORTÂNCIA DA RÁDIO COMUNITÁRIA**

Uma rádio comunitária acrescenta muito para as pessoas envolvidas, em vários ambientes sociais, mas principalmente nas escolas, onde pode haver a participação das crianças. E os efeitos podem ser muito produtivos, mesmo que em longo prazo, segundo Alfonso.

A presença de uma emissora comunitária mesmo que não totalmente participativa, tem um efeito imediato na população. Pequenas emissoras geralmente começam a transmitir música na maior parte do dia, tendo assim um impacto na identidade cultural e no orgulho da comunidade. O próximo passo, geralmente associado à programação musical, é transmitir anúncios e dedicatórias, que contribuem para o fortalecimento das relações sociais locais. Quanto a esta cresce em experiência e qualidade, começa a produção local de programas sobre saúde ou educação. Isso contribui para a divulgação de informações sobre questões importantes que afetam a comunidade. (DRAGON, 1998, p. 13)

Em uma rádio comunitária há grandes possibilidades de envolver vários assuntos e desenvolver o aprendizado de quem está participando.

A rádio comunitária é de fácil acesso e pode trazer benefícios e informações para o conhecimento de todos. Com organização e ajuda das pessoas, ela pode se tornar uma potência para desenvolvimento de informação. Principalmente nas comunidades a rádio é utilizada como utilidade pública, através dela pode haver melhoras em todos os contextos.

Dar prioridade a conteúdos de interesse público local centrado na informação de qualidade; explorar mensagens educativas sobre assuntos e situações vividos em cada localidade (prevenção de doenças, perigos que o tráfico

de drogas pode representar, principalmente, aos jovens, adolescentes e crianças etc.); tratar de temas que dizem respeito à realidade concreta da localidade onde a emissora se situa principalmente assuntos que quase não têm espaço na grande mídia, ou seja, aqueles relacionados às atividades das organizações dedicadas a trabalhos visando o bem estar coletivo e à vida do “povo”, seu modo de ser, sua cultura. Neste sentido, cabe falar não só de problemas, mas também das festas do “povo”, e das conquistas dos movimentos populares. Cabe ainda prestar serviços de utilidade pública de acordo com a realidade de cada lugar. Há casos de rádios que avisam o dia de consultas marcadas em postos de saúde, mandam recados para parentes, ajudam a localizar crianças perdidas, devolvem documentos achados, fazem campanhas educativas etc. O importante é que cada rádio comunitária tenha a cara do seu lugar; i) Fornecer entretenimento que não agrida valores éticos e o respeito às pessoas em suas diferenças (idade, cor, gênero, nacionalidade, crenças, escolaridade, condição financeira etc.) (PERUZZO, 2006 *apud* PEREIRA; SILVA, 2014, p. 09).

Não há distinção entre as pessoas que trabalham na rádio, tem que haver apenas vontade de dar voz à população e fazer com que cada vez mais as pessoas tenham interesse de ajudar a construir uma comunicação que tenha interesses compartilhados para o bem de todos.

Quando uma rádio é implantada em uma comunidade ou até mesmo em uma escola, o convívio entre as pessoas se torna mais coletiva, fazendo com que se tornem amigas. López Vigil (2003, 487), explica essa relação. “A comunidade se escuta e escutando-se, aumenta sua autoestima individual e coletiva. Os vizinhos se conhecem mais, se reconhecem melhor. A rádio local constrói identidade”.

Há algumas maneiras para que se possa colocar em prática o princípio comunitário e favorecer o processo educativo e informativo.

a) O meio comunitário de comunicação deve servir de canal para o exercício da liberdade de expressão do cidadão e das organizações coletivas comprometidas com ações de interesse social; b) instituir a propriedade coletiva e práticas participativas na gestão e na programação, de modo que a emissora não se caracterize como pertencente a pessoas individualmente. c) abrir espaços para participação direta dos cidadãos no microfone (na página do jornal ou na tela

da televisão ou do computador) para que expressem seus pontos de vista, suas conquistas, suas reivindicações, suas alegrias etc. d) conceder espaço para a difusão de programas produzidos autonomamente por cidadãos, grupos de jovens e organizações coletivas da localidade. É importante zelar pela distribuição igualitária e plural deste tipo de espaço na grade de programação para que a rádio não se caracterize como tendenciosa, seja no sentido político, religioso ou outro. e) Criar canais (diretorias colegiadas, conselhos, comissões, assembleias, Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XVI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste – João Pessoa - PB – 15 a 17/05/2014 7 entre outros) para viabilizar a participação efetiva do cidadão e de suas entidades representativas nas instâncias de planejamento e gestão da emissora; f) Criar uma rede de repórteres populares (ou correspondentes populares<sup>10</sup>) constituída a partir de representantes de entidades civis organizadas e/ou por zonas geográficas ou bairros, setores, quadras, ruas etc. Esta iniciativa representa excelente mecanismo para manter programas jornalísticos sintonizados com a realidade local, ao mesmo tempo em que é favorecida a participação popular na programação (PERUZZO, 2006 *apud* PEREIRA; SILVA, 2014, p. 06).

Essa intimidade entre as pessoas, só faz com que a comunidade cresça e dessa forma, todos são beneficiados. Quando há um problema, seja de educação ou de saúde, por exemplo, quando é comunicado na rádio, os governantes já ficam cientes que a população está unida e que querem melhorias, dessa forma fica mais fácil para reivindicar os direitos de todos.

Quando uma rádio promove a participação dos cidadãos e defende os seus interesses, quando reflete os gostos da maioria e produz bom humor e informa com verdade; quando ajuda a resolver os mil e um problemas da vida cotidiana; quando nos seus programas são debatidas todas as ideias e todas as opiniões respeitadas; quando a diversidade cultural tem primazia sobre homogeneidade comercial; quando as mulheres são as principais intervenientes na comunicação e não apenas uma voz bonita ou um atractivo de publicidade; quando nenhum tipo de ditadura é tolerado; quando a palavra de todos pode ir para o ar sem discriminação ou censura, isso é uma rádio comunitária. (VIGIL, 2005, p. 331-332).

Não há como fazer uma rádio comunitária se realmente a comunidade não estar envolvida. A rádio tem como função juntar todos e dar voz a população, fazer com que eles sejam lembrados e que os problemas sejam mostrados e que os talentos também sejam mostrados, dando oportunidades de crescimento para todos.

n) Zelar pela participação ativa e com poder de decisão dos cidadãos (eleitos como representantes por entidades ou em assembleias) em todas as instâncias deliberativas de gestão da emissora (conselhos, reuniões, assembleias), pois uma rádio comunitária feita coletivamente revela-se extremamente educativa para todos os envolvidos e também para os ouvintes; o) Zelar pela autonomia política em relação a empresas, poder público, partidos políticos, igrejas etc.; p) Oferecer treinamento por meio de cursos de curta duração a membros da “comunidade” para que muitas pessoas possam se capacitar e aperfeiçoar seus conhecimentos e se sentirem mais aptas para atuar na emissora; q) Criar mecanismos de avaliação de programas e da atuação da rádio como um todo, com participação aberta a pessoas da “comunidade”. A avaliação é uma maneira eficaz para se analisar o desempenho, corrigir erros e distorções e conduzir a emissora em direção ao aperfeiçoamento constante; r) difundir conhecimentos e fatos que, embora gerados fora no âmbito comunitário, fazem sentido localmente e podem contribuir para aumentar o nível de informação e consciência crítica (PERUZZO, 2006 *apud* PEREIRA; SILVA, 2014, p. 08).

Muitas são as utilidades de uma rádio comunitária, muitos são os benefícios. Peruzzo destaca muito bem as vantagens de aplicar uma rádio comunitária.

Dar espaço para a difusão da criatividade popular, como por exemplo, a música, peças teatrais e outras formas de produção artística, científica e técnica geradas na própria “comunidade. k) Atuar de modo integrado com as organizações sociais sem fins lucrativos atuantes na “comunidade”, de modo que a comunicação se realize como expressão das lutas coletivas locais e não como meio de comunicação exterior ou descolado do processo de mobilização social. Portanto, abre-se uma oportunidade ímpar para a prática do jornalismo público, orgânico e comprometido com as mudanças sociais; l) Contribuir para mobilizar os cidadãos e entidades sem fins lucrativos para a utilização e empoderamento da

rádio comunitária e de outros meios de comunicação (TV comunitária, internet etc.) com finalidades educativas e de desenvolvimento cultural; m) Discutir e optar por formas de arrecadação e aplicação de recursos que não comprometam o caráter público da emissora e que, ao mesmo tempo, viabilizem o seu funcionamento. Se a rádio comunitária se submeter aos mecanismos mercantilistas convencionais, provavelmente, sua perspectiva pública e comunitária poderá ser comprometida. Assim sendo, há que se ter princípios e práticas que garantam a aplicação de recursos somente para despesas de custeio, manutenção e reinvestimento em equipamentos, e não para o lucro particular (PERUZZO, 2006 *apud* PEREIRA; SILVA, 2014, p. 08).

Quando há participação em conjunto para mudanças em comum e para o bem de todos, as coisas se tornam mais fáceis. A rádio em si tem um papel muito importante para mudanças. Com suas ondas, a comunicação atinge a todos e dessa forma, cada vez mais os envolvidos querem de dedicar e construir uma sociedade melhor.

A pessoa muda na medida em que transforma o mundo. E quanto mais a sociedade é mais justa, mais produz seres humanos voltados ao bem, assim como as pessoas de bem se empenham em construir uma convivência social melhor. Há uma dialética de interação transformadora [...] as pessoas mudam mudando o mundo. Mudado, o mundo muda as pessoas. (BETO, 2004, p.15)

O rádio tem um papel de desenvolvimento social. Pode fazer com que jovens se interessem em participar de projetos da comunidade, levando cultura em lugares que muitas vezes são esquecidos pelos governantes. Tudo que é feito na rádio é para favorecer a comunidade, defendendo os direitos humanos, protegendo a diversidade cultural. Informam e educam a população com temas importantes, além de apoiarem e promoverem projetos para desenvolvimento de todos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A evasão escolar é muito frequente em nosso país. Crianças e adolescentes deixam de estudar para ajudar no sustento da casa, ou até mesmo por falta de motivação. Por isso, são procuradas inúmeras formas de manter o jovem no ambiente estudantil.

O sistema de educomunicação tem trazido um enorme diferencial para as escolas adeptas à esta maneira de ensino. Cada vez mais alunos, professores e instituições estão unidos em projetos interativos.

A ideia de um programa de rádio implantado nas escolas como forma educacional, tem a função de tornar jovens muito mais interessados no aprendizado em sala de aula. O aluno desenvolve a fala, o comportamento e o relacionamento com seus colegas e professores.

As escolas devem ampliar seus olhares e usar a tecnologia a favor da educação. Este projeto não tem o objetivo de substituir o ensino dado ao aluno, mas sim, auxiliar e complementar o conteúdo aplicado em sala de aula.

## REFERÊNCIAS

VIGIL, José Ignacio López. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 331 – 487.

BETTO, Frei. **O ovo e a galinha**. Correio Brasiliense, Brasília, 2004, p.15.

DRAGON, Alfonso Gumocio. **Fazendo ondas**: histórias de comunicação participativa. 1998, p. 13 Disponível em: [http://www.communicationforsocialchange.org/pdf/making\\_waves.pdf](http://www.communicationforsocialchange.org/pdf/making_waves.pdf). Acesso em: 08 nov. 2015. Traduzido em: <https://translate.google.com.br/?hl=pt-BR>.

PEREIRA, Noujain; SILVA Edielson Ricardo da. **Atribuições das Rádios Comunitárias Brasileiras e as Contribuições Educomunicativas do Programa Uma Hora de Conversa da Rádio Ariús FM em Campina Grande – PB**. 2014, p. 6–9. Disponível em: <http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2014/resumos/R42-0009-1.pdf>. Acesso: 08 nov. 2015.

SOUZA, Andre Luiz. **Rádios Comunitárias (Digital Rádio) e Novos Modelos de Representação. A Comunicação como Instrumento de [Re]Organização Social**. P. 02. Disponível em: [http://www.bocc.ubi.pt/\\_listas/tematica.php?codtema=2](http://www.bocc.ubi.pt/_listas/tematica.php?codtema=2). Acesso: 08 nov. 2015.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Participação nas rádios comunitárias no brasil**, p. 02-10. Disponível em: [http://www.bocc.ubi.pt/\\_listas/titulos\\_letra.php?letra=P](http://www.bocc.ubi.pt/_listas/titulos_letra.php?letra=P). Acesso: 08 nov. 2015.

SOARES, Dr. Ismar de Oliveira. **Masafinal, o que é educomunicação?**. São Paulo, 2004, ECA/USP, p. 1-2. Disponível em: <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/27.pdf>. Acesso em: 03 nov. 2015

RAMOS, Peterson. **Educomunicação: o rádio como ferramenta da cidadania**. São Paulo, 2014, FAC – SÃO ROQUE, p. 2-3-7. Disponível em: [http://www.uninove.br/marketing/fac/publicacoes\\_pdf/educacao/v5\\_n1\\_2014/Peterson.pdf](http://www.uninove.br/marketing/fac/publicacoes_pdf/educacao/v5_n1_2014/Peterson.pdf). Acesso em: 06 nov. 2015

## **CAPÍTULO 4**

# **JUVENTUDE EM FOCO: O JORNAL IMPRESSO EM PROL DA EDUCAÇÃO DE JOVENS**

*Claudinéia Carletto*

*Greiele Marangon*

*Susy Fontenele*

### **INTRODUÇÃO**

O jornal impresso com foco na educação dos jovens busca incentivar o aluno a ter conhecimento sobre a produção de um jornal impresso e também acrescentar no desenvolvimento da educação, levando os jovens a percepção do mundo que os rodeia. A aquisição de novas linguagens traz a mistura da comunicação com a educação, juntamente com a leitura e linguagens textuais envolvidas no dia a dia de cada estudante.

A produção do jornal impresso dentro das escolas transforma o aluno em um produtor e leitor de textos. Essa estratégia que coloca o estudante em evidência é uma das principais funções da escola, além da busca pelo conhecimento.

Com esse intuito, o projeto foi desenvolvido na perspectiva interdisciplinar como o objetivo didático de estabelecer os diferentes saberes específicos que o embasaram e juntamente com o jornalismo. A mistura da educação com a comunicação é uma perfeita combinação, que traz consigo diferentes benefícios de aprendizagens e de formas criativas.

Os alunos devem ter criatividade para desenvolver algo de interesse objetivo, como produzir um jornal externo com a intenção de divulgar as atividades realizadas em centros de juventude e escolas, acompanhar as atividades e produzir materiais jornalísticos para o jornal de Educomunicação. Cada aluno pode escolher algo de seu interesse, desde que colabore com a linguagem comunicativa.

A intenção é distribuir o material em colégios estaduais para incentivar os alunos a participarem de atividades educacionais. Após

o período de produção, o objetivo é repassar o jornal aos jovens que tem o interesse em dar continuidade ao projeto, assim mostrando o conhecimento, e buscando cada vez aprofundar em algo novo para a melhoria do jornal impresso.

O incentivo faz com que os alunos busquem descobrir como é o dia a dia de um jornal e também aprendem como é importante ler e escrever, buscando nas descobertas de um novo modo, mesclando a educação com a comunicação. Além dos alunos, professores também podem estar ligados a essa nova geração de ensino, dando sugestões a assuntos envolvendo a educação, informando e trazendo dicas sobre educação nas escolas.

## **1. EDUCOMUNICAÇÃO E A ESCOLA**

Com base no livro *Educomunicação: o Conceito, o Profissional, a Aplicação* escrito por Ismar de Oliveira Soares, a juventude deseja estudar onde seus anseios são respondidos:

Se de um lado a tecnologia vem se transformando na grande aliada da juventude, por outro, o uso fluente e especializado dos recursos de comunicação tem modificado alguns conceitos de aprendizagem, dando destaque a uma dinâmica em que o estudante demonstra maior autonomia para a experimentação, o improviso e a auto expressão. (SOARES, 2011, p. 07).

A pontuação do autor nos leva a pensar que apesar dos avanços em termos de políticas públicas, como a ampliação do acesso à educação formal e da permanência de jovens na escola, a educação dos adolescentes ainda é falha e faltam oportunidades para isso.

Com o advento da tecnologia, os jovens têm mais facilidade de assimilação pela cultura digital e com temas de seu interesse, fizemos a proposta da realização de um jornal impresso com todas as atividades relacionadas aos adolescentes participantes dos centros da Juventude. Faria explica que:

Propõe o jornal escolar, não como uma imitação da grande imprensa, mas como um espaço para os alunos expressarem seus conflitos e interesses e levá-los a percepção do espaço em que vivem, concluindo, como H.Romian, que o jornal escolar é uma abertura de espaço efetivo para a liberdade do aluno dentro da escola. (1994, p. 14).

Os alunos anseiam e estão propensos a coisas novas por que a tecnologia está cada vez mais avançada, isso se torna um desafio e mostra a capacidade de cada um seu talento. O jornal escolar proporciona o conhecimento de escrever e ampliar o vocabulário aumentando a interação e em consequência, aumentando o conhecimento, tonando as aulas mais interessantes.

## **2. CONFECCIONANDO O JORNAL EM SALA DE AULA**

O primeiro passo da produção é apresentar modelos de jornais aos jovens para que eles conheçam, tendo em vista que a maioria não tem acesso aos impressos. Em seguida, montar grupos no qual cada integrante se responsabilize por uma parte da elaboração do jornal, mas antes disso, os alunos precisam estar cientes em como fazer uma pauta, uma matéria e início de montagem em programa, juntamente com noções de diagramação.

Em folhas A4 os estudantes podem construir um planejamento de como querem seus impressos, dividindo o informativo por editorias. A seguir, eles poderão ter base de espaços analisando impressos prontos.

Os estudantes responsáveis pela elaboração de matérias, cada um com sua editoria separada, terão tempo cronometrado para a produção com o auxílio do proponente.

A princípio a ideia é dar um rumo aos estudantes para que entendam o processo de criação e elaboração sendo necessário um patrocínio para a impressão gráfica para que o projeto não fique apenas no papel e chegue até as mãos dos jovens.

Após a impressão do jornal, esperamos ter a conclusão que os trabalhos tenham sido esclarecedores e admirados pelos alunos para que tenham continuidade na instituição, agora com o auxílio dos educadores do local.

### 3. IMPORTÂNCIA DO JORNAL PARA OS ALUNOS

O jornal é um importante meio de comunicação. Por meio dele recebemos informações importantes que acontecem em todo o momento, todos os dias, especificamente na educação, sendo também, um excelente instrumento para o desenvolvimento e a prática da maioria dos conteúdos contidos nas áreas do conhecimento e transmitidos através da educação formal, juntando com a comunicação motiva o aprendizado de novos conhecimentos e cativa a criatividade dos alunos no que diz respeito à leitura e à produção textual.

O jornal escolar nas instituições proporciona o desenvolvimento de ideias criativas colocando em prática o conhecimento adquirido da produção de textos e leituras ligados aos processos jornalísticos.

[...] a capacidade de se informar; saber ler, escutar e ver; a capacidade de procurar informações, organizá-las e apresentá-la; a capacidade de relacionar diferentes fatos entre si; a capacidade desses alunos compreenderem as características do momento histórico que vivem e a inter-relação que existe entre diversos problemas contemporâneos (FARIA, 1992, p. 101).

O jovem tem a capacidade de aprender coisas novas, dominando as novas tecnologias, buscando aprofundar-se no aprendizado e nas mudanças que aparecem a cada ano, dificultando e deixando para trás padrões existentes até então.

Muitas escolas produzem jornais trazendo informação sobre a educação, e confeccionam folhetos ou até mesmo revistas informativas para que o aluno fique por dentro das mais novas atualizações de aprendizado em língua portuguesa e em distintas matérias que desenvolvem as mudanças no decorrer dos anos do processo educacional.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluimos esse trabalho com afins de produção da importância de um novo método de ensino através de um jornal impresso nas escolas que podem estar trabalhando a formalidade de leitura e criações textuais, juntando cada pensamento e opinião em um lugar só, trabalhando o desenvolvimento dos alunos na sociedade em que vivem, mostrando desde a juventude como é a forma certa de se lidar em meio e com a sociedade.

O jornal, tratando de conhecimentos específicos, pretende incentivar o estudante a aprender a ter a própria opinião, construindo o conhecimento de forma prática com base em teorias existentes.

## REFERÊNCIAS

FARIA, Maria Alice de Oliveira. **O jornal em sala de aula**. 4ª Ed. São Paulo: Contexto, 1992.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

## CAPÍTULO 5

# EDUCOMUNICAÇÃO: BLOG COMO ESTRATÉGIA DE ANÁLISE LITERÁRIA

*Jean Michel Laureth*

*Felipe Fachini*

*Gisela Stern*

### INTRODUÇÃO

O presente artigo retrata uma breve contextualização do parâmetro educ comunicativo como forma de aprendizagem junto ao cenário educacional atual.

Dentro dessa argumentação, o artigo busca propor a utilização de um blog como recurso pedagógico para que os alunos do ensino médio e vestibulandos possam, por meio desta plataforma, produzir conteúdos e análises críticas em relação às literaturas exigidas nas provas do vestibular.

O uso pedagógico do blog como ferramenta de aprendizagem tem como objetivo colaborar ativamente na construção e compartilhamento do conhecimento adquirido pelas análises literárias produzidas. Como consequência, essa ferramenta tem o poder de melhorar os níveis de leitura e de escrita dos estudantes torna-se evidente. O blog também foi escolhido como uma ferramenta de aprendizagem porque motiva os estudantes na realização de atividades educativas que, antes mesmo da proposta, utiliza diversas mídias audiovisuais que fazem parte do universo jovem.

Ao observar o cenário educacional e analisar as leituras estatísticas, como as apresentadas no livro *Educomunicação*, de Ismar de Oliveira Soares (2011), é possível identificar alterações exponenciais no que tange o jovem e a sua relação com o ensino e educação.

Torna-se, na verdade, cada vez mais evidente que os jovens estão em busca de novas propostas para a sua formação, como descreve Soares (2011). Isso norteia o ensino para uma nova direção, para um novo mundo e uma nova contextualização.

Encontramos na educomunicação parte significativa destas repostas que alteram a forma de ensinar e fomentar o saber. Observado que está nova área pode ser identificada como o “conjunto de ações voltadas ao planejamento e implantação de práticas destinadas a criar e desenvolver ecossistemas comunicativos abertos e criativos em espaços educativos” (SOARES *apud* SOARES, 2014, p. 36).

Tal ecossistema comunicativo representa múltiplas linguagens e códigos, definido como um ideal de relações, revelado sobre um espaço determinado a fim de favorecer o diálogo social, revela Soares (2014).

Martín-Barbero caracteriza o ecossistema comunicativo como “difuso” e “descentrado” (*apud* SOARES, 2014, p. 43).

[...] é difuso porque formado por uma mistura de linguagens e de saberes que circulam por diversos dispositivos midiáticos intrinsecamente interconectados; é descentrado porque os dispositivos midiáticos que o conformam vão além dos meios que tradicionalmente vêm servindo à educação, a saber: escola e livros” (BARBERO *apud* SOARES, 2014, p. 43).

Quando olhamos para esse ecossistema educacional, de reação comunicação/educação, encontramos várias oportunidades para realizar projetos de “área de intervenção”, descrito como “as ações mediante as quais, ou a partir das quais, os sujeitos passam a refletir sobre suas relações no âmbito da educação” (SOARES, 2014, p. 47).

Propomos um projeto onde o objetivo é intervir na articulação entre o estudante e as leituras literárias propostas para concursos vestibulares. O tema é direcionado a alunos no ensino médio e as obras literárias podem ser escolhidas através de afinidades com polos universitários na região de implantação da prática educacional.

A sugestão é para criar um espaço online, site ou blog, no qual os estudantes serão convidados a fazer as leituras de contos e poesias previstas para o vestibular, realizar uma análise crítica e compartilhar com os colegas e com a rede mundial.

O ambiente online faz parte do novo modelo de comunicação

e interação social, os autores Breton e Proulx já apresentam o uso da informática como “suporte de uma intensa atividade de circulação de ideias e informações” (BRETON PROULX, 2002, p. 68).

Ao envolver os estudantes na leitura, escrita, análise e releitura social, procuramos oportunizar o compartilhamento do saber, o envolver os jovens na prática comum da educação humana cultural. Soares enfatiza a ação educacional com uma perspectiva de educação para a vida. Conforme relata, vai além, é uma perspectiva do “sabor da convivência, da construção democrática, da valorização dos sujeitos, da criatividade, da capacidade de identificar para que serve o conjunto dos conhecimentos compartilhados” (SOARES, 2014, p. 45).

Com estes apontamentos, é possível identificar o caráter modelador e transformador que a educação pode alcançar nos indivíduos sociais.

A atuação do professor como agente mediador educacional é complementar ao projeto. O professor pode integrar a prática à emenda educacional e/ou integrar um projeto extraclasse.

O professor ainda poderá trazer as discussões online para dentro da sala de aula, incentivar o olhar crítico, participativo e analítico sobre as obras, corroborando com o desenvolvimento intelectual, crítico e social dos estudantes. Uma integração do conhecimento compartilhado.

## **1 EDUCOMUNICAÇÃO: UMA PRÁTICA ALÉM DA SALA DE AULA**

Os jovens estão conectados e ligados às mídias digitais de forma interrupta. Suas ações são regradas, observadas, compartilhadas e comentadas em tempo real, sob a velocidade das mídias digitais. Um grupo que se desloca dos velhos conceitos e emerge sob novas perspectivas. Ciro Marcondes Filho já descrevia em 1994 as alterações dessa geração, que não tem os mesmos ideais e lutas de seus antecessores:

A juventude atual mantém por princípio o mesmo tipo de rotação, com essa perda de modelos orientadores, que a geração de seus pais ou avós. Para ela, a ausência de padrões gerais de conduta e pensamento é uma marca de sua época. Ela a vê, contudo, descarregada do valor emocional que atinge

muito mais as gerações anteriores. Não obstante, ela sofre também, por tabela, a repercussão da crise, na medida em que lhe faltam os objetos em que investir seu interesse, sua força, sua criatividade (MARCONDES FILHO, 1994, p. 16).

Contudo, mesmo sem objetivos a investir, é caracterizada por uma geração de compartilhamento, criação e divulgação de conteúdo midiático sem precedentes. Pierre Levy, no livro *Cibercultura* (1999), revela uma produção constate que pluraliza o conhecimento, contudo suas ações e dimensões tornam-se menos totalizadas, ou seja, ingressamos em um desenvolvimento técnico-cultural onde o conhecimento não pode ser mais medido em páginas, ele está no “mar” do mundo online, onde navegam os novos, futuros, indivíduos mediadores da sociedade.

Os jovens, assim, encontram-se diante de uma situação que tem dois lados. São os primeiros a vivenciar plenamente este novo mundo em que o homem se despede de todos aqueles poderes fantásticos que se haviam incrustado em sua mente. Ao mesmo tempo, são testemunhas da expansão extraordinária dos meios técnicos de comunicação e informação, quer possibilitam um contato, uma ligação nunca antes imaginada, bem mais rápida e eficiente, com o mundo inteiro. E se de um lado há uma existência que se abre com perspectivas até então desconhecidas, do outro existe um futuro tecnológico, em que os aparelhos técnicos invadem cada pequeno espaço da atividade de cada um e colocam-se entre o homem e seus objetos e objetivos (MARCONDES FILHO, 1994, p. 16).

Essa “invasão” dos aparelhos tecnológicos exemplifica a necessidade de desenvolvimento de práticas educacionais que se corporifiquem junto ao contexto sócio tecnológico onde o jovem estudante está inserido.

O escritor Pierre Lévy descreve que, “quanto mais o digital se afirmar como um suporte privilegiado de comunicação e colaboração, mais essa tendência a universalização marca a história da informática” (LÉVY, 1999, p. 112).

O universo de comunicação complexo e mutável, com agentes independentes em uma sistemática, contudo, dependes uns dos outros, no objeto, quando observado o sistema comunicacional, o ato de “pensar” não pode ser individualizado, como revela Paulo Freire:

O sujeito pensante não pode pensar sozinho; não pode pensar

sem a co-participação de outros sujeitos no ato de pensar sobre o objeto. Não há um “penso”, mas um “pensamos”. É o “pensamos” que estabelece o “penso” e não contrário. Esta co-participação dos sujeitos no ato de pensar se dá na comunicação. O objeto, por isto mesmo, não é a incidência terminativa do pensamento de um sujeito, mas o mediatizador da comunicação (FREIRE, 1969, p. 66).

O escritor fala sobre o sujeito, indivíduo comunicativo como mediatizador da comunicação. Observamos que, quando classificados os indivíduos como mediatizadores e produtores, insere-se um novo contexto, no qual todos são produtores e disseminadores de ideias e opiniões, o melhor espaço para tais ações está no universo online. “Em suma, a internet abre imediatamente o caminho para que as pessoas se tornem membros de uma gama de novas comunidades não enraizadas na geografia, possibilitando quer elas se tornem produtoras e distribuidoras de seus próprios produtos culturais”, afirmou Jane Kenway (2001), colaboradora do livro *A Escola Cidadã no Contexto da Globalização*. O que nos remete a análise de sujeitos longe de passivos, mas intencionados a coparticipar na comunicação e se fazer entender (FREIRE, 1969, p. 67).

Neste ponto reafirmamos a educomunicação como ferramenta, e mais que isso, um processo interdisciplinar de engajamento juvenil sobre a proposta de comunicar e transformar o modo de apreender, relacionar e compreender o mundo que os rodeia. “A educomunicação – enquanto teia de relações (ecossistema) inclusivas, democráticas, midiáticas e criativas – não emerge espontaneamente num dado ambiente. Precisa ser construída intencionalmente”, descreve Soares (2014, p. 27).

Os projetos educamunicativos podem ser representados pelas palavras de Jane Kenway:

Aqui, o interessante está na relação entre cultura, representação, discurso, identidade, subjetividade, poder, corporificação e, de forma importante, trazer um investimento psíquico. A proposta é que se ensine aos estudantes as habilidades da análise semiótica, da análise do discurso, da desconstrução, e da contra leitura crítica. Eles também podem ser encorajados a considerar a interação entre os diferentes textos ou, além disso, entre textos, contextos, e sujeitos, isto é, os textos em seus contextos mais amplos e o envolvimento das pessoas com ambos (KENWAY, 2000, p. 102.).

Esse interesse atado por Kenway analisado revela o resultado conforme Lévy, construindo uma comunidade sobre as afinidades, os interesses, conhecimentos e projetos mútuos, através de um processo de cooperação e, ou troca (LÉVY, 2000, p. 127). Estes pontos de estudo podem ser completados com as palavras do mesmo autor, sobre a relação humana com o ciberespaço e as técnicas comunicativas modernistas:

Um grupo humano qualquer só se interessa em constituir-se como comunidade virtual para aproximar-se do ideal do coletivo inteligente, mais imaginativo, mais rápido, mais capaz de aprender e de inventar do que um coletivo inteligentemente gerenciado. O ciberespaço talvez não seja mais do que o indispensável desvio técnico para atingir a inteligência coletiva (LÉVY, 2000, p. 130).

A escolha de obras literárias para uso de objeto sobre a qual será elaborada a prática educacional parte de duas necessidades ligadas a realidade dos estudantes, a preparação para uma etapa de avaliação, o vestibular, e desenvolvimento sócio cultural, uma das bases da ação educacional.

As obras literárias envolvem uma representação e uma visão do mundo, como descreve Proença Filho, no livro *A Linguagem Literária* (1986) sobre as percepções e caracterizações das visões e ideologias alheias:

[...] no texto literário, se configura uma situação que passa a “existir” a partir dele como tal e que caracteriza uma apreensão profunda do homem e do mundo, a partir de tensões de caráter individual e coletivo (PROENÇA FILHO, 1986, p. 29).

Incentivar as leituras e a capacidade interpretativa pode ampliar a capacidade discursiva e argumentativa. Visto que a literatura cria significantes e funda significados, permitindo múltiplas leituras (MARCONDES FILHO, 2001, p. 39).

As múltiplas leituras ampliam a linguagem, o pensamento e valem aqui as palavras de Schaff, segundo o qual o pensamento e a linguagem são dois aspectos de um único processo: o do conhecimento do mundo, da reflexão sobre esse conhecimento e da comunicação de seus resultados (*apud* FIORIN, 2000, p. 34.)

Fiorin afirma que o homem aprende a ver o mundo através dos discursos que assimila. “É também e principalmente produto das relações sociais ativas e inteligentes” (FIORIN, 2000, p. 36). Essas relações sociais com a educomunicação são incentivadoras dessas relações.

Soares fala sobre a educomunicação como forma de promover o diálogo. Essa nova área ganha mais forma e novas construções, uma vez que tudo sobre ela é construído através do compartilhado. Soares fala sobre essa construção:

Trata-se, então, de um espaço no qual transversa saberes historicamente constituídos. Como um tabuleiro no qual se lançam pedras para, com elas, construir grandes lances – assim se apresenta esse novo campo. Não importa a origem das peças, assim como não se privilegia quem possa colocá-las ali (SOARES, 2006, p. 03).

Esse tabuleiro que ele descreve é um vasto campo aberto, ainda a ser desbravado com vários caminhos e possibilidades.

## **2. BLOG: ESTRATÉGIA DE ENSINO**

Dentro da argumentação apresentada neste trabalho que consiste na produção de um blog contendo análises críticas em relação às literaturas exigidas pelas faculdades e universidades na aplicação das provas de vestibular, encontramos uma gama de possibilidades gratuitas para que o proposto seja feito de forma prática e efetiva pelos alunos em harmonia com os professores que deveram orientar os mesmos.

Entre as plataformas mais usadas que oferecem o serviço sem custos aos usuários estão o *WordPress* que tem se destacado como líder das plataformas de blogs devido a sua flexibilidade e grande número de ferramentas para a personalização do blog de acordo com o gosto de cada usuário. Além disso, a plataforma *WordPress* disponibiliza de uma versão mobile, que permite o acesso por meio de dispositivos móveis como celulares e tablets. Outra plataforma que também dispõe dos serviços necessários para a criação de um blog é *Blogger* ou mais

conhecido como *Blogspot*. Essa plataforma é uma das mais famosas do mundo e pertence ao Google desde o ano de 2003, destacando-se principalmente devido ao fato de muitos usuários começarem a navegar através dessa plataforma.

Nas duas principais opções para a criação de um blog é necessário acessar o portal da plataforma escolhida e efetuar um cadastro, o qual dará acesso às ferramentas para a inicialização do proposto nesse artigo.

Os blogs possibilitam uma nova fase na era da internet e funcionam como um diário de bordo virtual, que facilita a criação por parte dos alunos/autores. Além disso, todo esse processo no qual o aluno se torna autor e produtor de informação só é possível devido ao dinamismo, a interatividade e acima de tudo pela ferramenta oferecer vários recursos disponíveis para a construção dessas informações.

Dentro desse processo criativo existe a possibilidade de o aluno registrar e publicar não só por meio da linguagem verbal escrita, mas também pode utilizar diversas mídias como, por exemplo, fotos, ilustrações, vídeos, sons, entre outras.

As Tecnologias de Informação e de Comunicação (TIC) podem constituir um elemento valorizador das práticas pedagógicas, já que acrescentam, em termos de acesso à informação, flexibilidade, diversidade de suportes no seu tratamento e apresentação. Valorizam, ainda, os processos de compreensão de conceitos e fenômenos diversos, na medida em que conseguem associar diferentes tipos de representação que vão desde o texto, à imagem fixa e animada, ao vídeo e ao som (MARTINHO; POMBO, 2009, p. 529).

No âmbito educacional e de aprendizagem além da produção de informação seja ela individual e/ou coletiva o blog proporciona um ambiente de colaboração e comunicação dentro da construção de ideias e é latente a existência de interação entre os jovens e os professores no processo de criação de conteúdo, como também na publicação em relação aos consumidores que tiveram acesso a informação.

No contexto da interação entre o aluno como autor e o público, é importante destacar que os blogs oferecem a possibilidade do leitor dialogar com o autor e vice-versa, seja concordando ou discordando,

a fim de acrescentar informação ao assunto discutido. Barbosa e Granado (2004, p. 69) colaboram com essa afirmação dizendo que “se há alguma área onde os weblogs podem ser utilizados como ferramenta de comunicação e de troca de experiências com excelentes resultados, essa área é sem dúvida, a da educação”.

Apesar da proposta inicial ser fundamentada na utilização do blog para a criação de análises críticas embasadas nas literaturas solicitadas pelas faculdades e universidades, Bezerra e Aquino (2009) elencam cinco categorias de blogs educacionais que podem ser utilizadas de inúmeras formas pedagógicas. Entre essas categorias está o blog do professor, utilizado para publicar orientações, textos, vídeos, imagens, animações, referências bibliográficas ou links; blogs de alunos, que funcionam como portfólios reunindo suas produções que são utilizados pelos professores como instrumentos de avaliação; blogs de instituições educativas, voltados à divulgação do trabalho desenvolvido e à autopromoção; blogs de projetos educativos, destinados à produção e socialização de conhecimentos sobre temas específicos; e blogs de grupos de pesquisa, que são como ‘colégios invisíveis’ reunindo pessoas de comunidades científicas diversas para interlocução, articulação de suas pesquisas, divulgação, análise de resultados e avaliação de textos.

### **3. BLOG E O SEU POTENCIAL PARA O VESTIBULANDO**

O blog deixou de ser apenas uma ferramenta de publicação pessoal. Por meio dele, os alunos podem encontrar a oportunidade de desenvolver e aprofundar técnicas de leitura e escrita. Eles podem, através do blog produzir textos e contos de assuntos cobrados no vestibular, estudar e exercer o pensamento crítico.

A fenomenologia da mudança tecnológica se encontra intimamente associada com os processos de aprendizagem e, portanto, de transmissão do legado cultural de todas as sociedades. As “remediações” que experimentam os meios inevitavelmente produzem mudanças significativas nos “ambientes educativos” (ROSA; ISLAS, 2009, p. 163).

O trabalho acerca dos contos, textos e as postagens desenvolvem o trabalho em equipe e geram discussão. “Para alguns, a *www* (*World Wide Web*) é uma ferramenta fantástica que revela novos caminhos, abre a escola para o mundo e inova infinitas formas de contato com o mundo” (MORO *et al.*, 2002).

Sendo assim, essa ferramenta permite que o conteúdo trabalhado em sala de aula seja compartilhado com os colegas, professores e a comunidade. Tornando-se uma alternativa excelente para unir a educação com a comunicação.

[...] No entanto, essas possibilidades só acontecem se, na prática, as pessoas estiverem atentas, preparadas e motivadas para aprofundarem e avançarem nas suas pesquisas e compreenderem o mundo. Na era digital, a moeda forte é a troca de informação, acessível e universal (MORO *et al.*, 2002, p. 05).

A utilização do blog permite nas suas páginas os espaços para que os navegadores e leitores escrevam comentários, assim eles têm a possibilidade de conversar e debater com os alunos escritores.

Dessa forma os alunos e professores podem utilizar as análises dos contos do vestibular para participar, colaborar e gerar interatividade em benefício da comunidade escolar.

[...] listam algumas vantagens e motivos para um professor criar um blog, dentre eles estão: aproxima alunos e professores; permite uma maior reflexão sobre o conteúdo e acerca de suas próprias colocações; é um exercício de alfabetização digital tanto para o próprio professor quanto para o aluno; amplia o horário da aula; permite o acompanhamento das atividades dos alunos por pais e a troca de experiências com colegas de profissão (COTES, 2007; VON STAA, 2005 *apud* PONTES e CASTRO FILHO, 2011, p. 1481).

O blog é uma ferramenta muito popular e de fácil acesso, isso porque pode ser utilizada de forma gratuita e tem uma alta capacidade de propagar informação. Uma das grandes vantagens do uso de blogs na área docente é que a maioria dos alunos os adota com facilidade, já que veem neles não só uma ferramenta de trabalho interativa, mas também a oportunidade de criar uma comunidade de interesses (ROSA; ISLAS, 2009).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois das leituras e apontamentos descritos no presente artigo, esperamos que as análises e ferramentas apresentadas possam servir para estudantes, professores e profissionais da comunicação como projeto. Visto que a educomunicação está baseada no conhecimento compartilhado, aqui também compartilhamos nosso conhecimento e pensamentos. São conceitos técnicos e teóricos que poderão auxiliar aos educadores em seu trabalho e projeções.

Compreender a prática educacional como proposta interdisciplinar e elemento modificador dos conceitos de estudo e educação é o primeiro passo, e, um dos fundamentais para materializar o novo encontro entre a educação e estudantes, um público cada vez mais plural, dinâmico e interconectado. Ressaltamos as inúmeras propostas e práticas proporcionadas pela educação. Contudo, deixamos no presente trabalho o começo da caminhada educacional, sob um olhar crítico e intervencionista das práticas socioculturais de jovens e professores.

Apresentamos o blog como ambiente online de interação social aberto ao mundo, porém não desejamos encerrar este pensamento com uma única prática, uma vez que se encerrado, torna-se imutável. Apresentamos um direcionamento, mostrando que é possível, mas não é a única forma. Instigar professores e agentes sociais a promover a leitura, a prática social e o saber compartilhado são as linhas de pensamento principais deste artigo.

A educação e a prática pedagógica tendem cada vez mais para as práticas inclusivas que despertem o interesse no aluno. Que o projeto apresentado aqui possa servir para esse despertar, norteando as novas práticas. Que os conceitos e pensamentos de escritores elencados sirvam de base para novas pesquisas e novos projetos. Desejamos que a partir dessa leitura, as características inclusivas da educação e participativas da plataforma online proporcionem novos pensamentos, estudantes mais críticos, interessados pela leitura e que os professores ganhem novas ferramentas.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Elisabete e GRANADO, Antônio. **Weblogs, diário de bordo**. Porto: Porto Editora, 2004.

BEZERRA, Lebiam Tamar Silva; AQUINO, Mirian de Albuquerque. Blogs pedagógicos: possibilidades de interação por meio da escrita coletiva de hipertextos cooperativos. **Revista Latino Americana de Tecnologia Educativa**, v. 8, n. 2, p.91-108, 2009.

BRETON, Philippe. PROULX, Serge. **Sociologia da Comunicação**. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

ENWAY, Jane. In SILVA, Luiz Heron da. **A Escola Cidadã no Contexto da Globalização**. 5 ed. São Paulo: Vozes, 2001.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?**. 8ª ed. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1969.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Editora 34, 1999.

MARCONDES FILHO, Ciro. **Sociedade Tecnológica**. São Paulo: Scipione, 1994.

MARTINHO, Tânia; POMBO, Lúcia. Potencialidades das TIC no ensino das Ciências Naturais – um estudo de caso. **Revista Electrónica de Enseñanza de las Ciencias**, v. 8, n. 2, p. 527-538, 2009.

MORO, Eliane L. da Silva; SOUTO, Gabriela Pinheiro; ESTABEL, Lizandra Brasil. **A influência da internet nos hábitos de leitura do adolescente**. 2002. Disponível em: <<http://gebe.eci.ufmg.br/downloads/313.pdf>>. Acesso em: 22/10/2015.

PONTES, Renata Lopes Jaguaribe; CASTRO FILHO, José Aires de. **O uso do blog como ferramenta de ensino-aprendizagem por professores participantes do Projeto Um Computador por Aluno (UCA)**. 2011. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000016590.pdf>>. Acesso em: 22/10/2015.

PROENÇA FILHO, Domicio. **A Linguagem Literária**. São Paulo: Ática, 1986.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Educomunicação: o Conceito, o Profissional, a Aplicação**. São Paulo: Paulinas, 2011.

## **CAPÍTULO 6**

# **O APRIMORAMENTO DO ENSINO APRENDIZADO COM A RÁDIO ESCOLAR**

*Anny Carolini Aparecida da Silva*

*Rosana Aparecida Ciriaco*

*Thaís Caroline Belegante*

### **INTRODUÇÃO**

O presente artigo tem por intuito analisar o rádio como um meio educacional nas escolas. O princípio que estrutura o trabalho é verificar a importância do rádio como ferramenta no processo de ensino aprendizagem, visto que, é um veículo democrático e tem um papel importante na transmissão de conhecimentos.

A concepção da pesquisa é estimular o movimento das várias áreas do conhecimento através de um novo campo de estudos que é a inter-relação comunicação/educação e a inserção das modernas tecnologias da comunicação como algo capaz de contribuir na educação escolar.

Deste modo, o trabalho foi abordado como forma de compreender a conveniência de uma inovação nos métodos de ensino, aprimorando o conhecimento de uma nova área de experiências, tanto para os alunos quanto para os educadores. Contribuindo desta maneira para uma percepção da utilidade e da vantagem de inovar com as tecnologias na educação.

Sendo assim, o estudo tem a intenção de apresentar benefícios na implementação de rádio escolar no processo de ensino, concebendo uma nova alternativa para incentivar o avanço da qualidade de educação e as condições de trabalhos dos profissionais envolvidos no processo de ensino aprendizagem.

Para a realização do projeto, a leitura de artigos e livros relacionados com o tema e assunto em questão foi essencial para a concepção da fundamentação da pesquisa.

Porém, para que o procedimento obtivesse seguimento da tese, vários artigos e livros basearam os tópicos do estudo, e por meio das conclusões dos autores, foi possível cumprir com o objetivo da pesquisa.

## 1. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Em pleno século XXI, a palavra de ordem é adaptação e esse diferencial deve-se ao olhar o mundo com outros olhos, em razão de que, a evolução está a cada instante mais veloz. Adaptar-se a esta nova fase consiste em um dos problemas da educação, tendo em vista que as escolas necessitam aprimorar o método de ensino para com os alunos e não limitar a sua aprendizagem apenas a uma mera reprodução de conteúdo, tentando inovar com a utilização dos recursos tecnológicos para um amplo conhecimento.

Trata-se de uma inovação pedagógica fundamentada no construtivismo sociointeracionista que, com os recursos da informática, levará o educador a ter muito mais oportunidade de compreender os processos mentais, os conceitos e as estratégias utilizadas pelo aluno e, com esse conhecimento, mediar e contribuir de maneira mais efetiva nesse processo de construção do conhecimento. (VALENTE, 1999 *apud* FARIA, 2004, p. 01).

Com base na concepção de Moran, “a mudança proporcionada pela inserção das tecnologias na educação é extremamente relevante para romper com paradigmas impostos pela educação tradicionalista, podendo assim criar novas propostas metodológicas para o enriquecimento do processo ensino-aprendizagem”. (MORAN, 2009 *apud* FERNANDES, 2012, p. 26).

Conforme Faria (2004), o professor deve orientar e pesquisar junto com os alunos esse novo método de aprendizagem com a utilização das tecnologias, estimulando a interatividade dos adolescentes.

O papel do educador está em orientar e mediar as situações de aprendizagem para que ocorra a comunidade de alunos e idéias, o compartilhamento e a aprendizagem colaborativa para que aconteça a apropriação que vai do social ao individual, como preconiza o ideário Vygotskyano. O professor, pesquisando junto com os educandos, problematiza e desafia-os, pelo uso da tecnologia, à qual os jovens modernos estão mais habituados, surgindo mais facilmente a interatividade. (FARIA, 2004, p. 01)

Segundo Assmann (1998), “a educação só alcançará a qualidade desejável quando gerar experiências de aprendizagem, criatividade para construir conhecimentos e habilidade para saber acessar fontes de informação sobre os mais variados assuntos”. (ASSMANN, 1998 *apud* FARIA, 2004, p. 05).

Faria (2004) ressalta que o mais importante é a atuação participativa dos alunos, com ou sem o uso da tecnologia, para o autor os professores precisam se dedicar para aprimorar as táticas de ensino e que não há necessidade de temer as novas tecnologias. Afirma o autor:

O que é, realmente, importante frisar é a interação, a atuação participativa que é necessária em qualquer tipo de aula com ou sem tecnologia. As tecnologias de comunicação estão provocando profundas mudanças em nossas vidas, mas os professores não precisam ter “medo” de serem substituídos pela tecnologia, como também não precisam concorrer com os aparelhos tecnológicos ou com a mídia. Eles têm que unir esforços e utilizar aquilo que de melhor se apresenta como recurso nas escolas e universidades. O educador precisa se apropriar desta aparelhagem tecnológica para se lançar a novos desafios e reflexões sobre sua prática docente e o processo de construção do conhecimento por parte do aluno. (FARIA, 2004, p. 04)

É fundamental que os educadores estejam preparados para interagir com as novas tecnologias no ambiente de trabalho, incentivar e simplificar o compartilhamento de conhecimentos. Segundo Leite *et al* (2000):

Diante desta realidade, torna-se necessário que as escolas passem a trabalhar visando a formação de cidadãos capazes de lidar, de modo crítico e criativo, com a tecnologia no seu dia-a-dia. Cabendo à escola esta função, ela deve utilizar como meio facilitador do processo de ensino-aprendizagem a própria tecnologia com base nos princípios da Tecnologia Educacional. (LEITE, 2000 *apud* FARIA, 2004, p. 07).

De acordo com a concepção de Farias (2010), existem fundamentalmente dois tópicos ou subáreas que esclarece as mediações tecnológicas e os meios de comunicação no ambiente escolar.

As “mediações tecnológicas nos espaços educativos”, apontando para a necessidade de preparar os educadores para o uso adequado dos novos recursos, tanto no ensino-aprendizagem, quanto na incidência das inovações tecnológicas no cotidiano das pessoas e grupos sociais (information literacy); e a “educação frente aos meios de comunicação”, direcionada ao impacto do sistema de meios sobre crianças e adolescentes (media literacy). (FARIAS, *apud* MARQUES, 2011, p. 46).

Para Almeida (2009) poder utilizar da junção da escola com o rádio é fascinante, “sobretudo pela identificação e acreditar no casamento da educação no rádio como ferramenta no processo ensino aprendizagem. A escola é o espaço oficial de formação e o rádio pode contribuir na formação da opinião, por isso é um casamento que pode dar certo”. (ALMEIDA, 2009, p. 06).

O rádio, na escola, pode ser usado para desenvolver uma atitude que possibilite uma escuta reflexiva e crítica: identificar, selecionar, relacionar, imaginar a partir da audição. E também para desenvolver capacidades e habilidades de expressão oral e escrita, por meio de propostas de elaboração, produção e realização de projetos para rádio na escola (simulação de programas musicais, entrevistas, noticiários e outros), que exigem características específicas da linguagem radiofônica. É possível também aproveitar a variedade temática das transmissões radiofônicas para abordar questões da vida cotidiana, como sexo, drogas, preconceitos e estereótipos, que podem contribuir diretamente para a formação dos alunos. (MEC, 1998 *apud* ALMEIDA, 2009, p. 07).

Arcoverde *et. al.* (2008) esclarece que desde a sua aparição em nosso país a rádio tem contribuído para a educação humana. “Rádio e Ciência, no Brasil, ligaram-se já desde a criação do veículo, em 1923, haja vista a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro ter como objetivo levar educação e cultura ao povo brasileiro”. (ARCOVERDE, 2008 *apud* MARQUES, 2011, p. 30).

Conforme Azevedo e Gonçalves (2004) o rádio é o “elemento propiciador de experiências educacionais diferenciadas, transformadoras e relevantes, pode transformar o ambiente escolar, resinificando relações e ambientes” (AZEVEDO; GONÇALVES, 2004, p. 08).

As autoras mencionam que o rádio proporciona oportunidades para toda a comunidade escolar, pois além de educar privilegia a autoestima e a autovalorização dos membros.

O uso do rádio no espaço escolar constitui-se numa modalidade que possibilita a toda comunidade escolar a oportunidade de analisar, com critérios objetivos e a partir de um contato real com um meio de comunicação, a grande quantidade de informações que se recebe diariamente dos meios massivos. O rádio na escola torna-se um elemento que enquanto ação educativa prioriza a auto-estima e a autovalorização dos membros da comunidade, permitindo sua expressão, através da ampliação de sua voz, tornando-os agentes e produtores culturais. (AZEVEDO; GONÇALVES, 2004, p. 03 - 04).

Freire (1988), afirma que “a educação é comunicação, é diálogo, na medida em que não é a transferência de saber, mas um encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados”. (FREIRE, 1988 *apud* MARQUES, 2011, p. 43).

O projeto rádio escola dentro do âmbito escolar é de suma importância, o aluno tem a oportunidade de interagir juntamente com outros alunos, expondo suas ideias, elaborando projetos, os quais servem de incentivo para seu crescimento dentro da instituição.

Os educadores exercem juntamente com a equipe pedagógica a função de colaboração com os alunos buscando a participação de ambos na elaboração de conteúdo.

Rádio escola deverá proporcionar a integração entre as disciplinas do currículo da escola, e desta com a realidade, com o coletivo e a atualidade. Possibilita também maior espaço de participação dos educandos que deverão produzir, editar, veicular e analisar como os professores os temas discutidos em sala de aula, pesquisados na comunidade. (ASSUMPÇÃO, *apud* ALMEIDA, 2009, p. 10).

O processo da educação na escola especificamente é analisado em relação à maneira na qual o professor busca novas formas de interagir com os alunos, fazendo com que o âmbito escolar estabeleça novos

métodos de ensino, para que o aluno busque exercer sua capacidade, e estabeleça boas relações com seu professor, assim tornando o meio de aprendizado mais interativo.

A rádio interna traz para dentro da escola a cultura dos alunos, especialmente aquela gerada pelos meios de comunicação de massa. Isso permite conhecer seu gosto, as idéias com as quais entram em contato, os assuntos que os interessam e as atividades que os entretêm. É possível, através da rádio escola, conhecer o que povoa o imaginário dos alunos. Isto pode facilitar a comunicação entre alunos e professores, além de introduzir, de forma agradável, novos conceitos e ideias. (KLEIN; *et al.* 2009, p. 03).

Segundo Faria (2004), um novo modelo apresentado à educação depende do projeto político pedagógico da instituição, os professores precisam sentir necessidade de mudança com relação à maneira de apresentar os conteúdos aos alunos para que haja uma ampla participação de ambos.

Os recursos tecnológicos facilitam a passagem do modelo mecanicista para uma educação sociointeracionista, ainda que a realização de um novo paradigma educacional dependa do projeto político-pedagógico da instituição escolar, da maneira como o professor sente a necessidade desta mudança e da forma como prepara o ambiente da aula. É importante criar um ambiente de ensino e aprendizagem instigante, que proporcione oportunidades para que seus alunos pesquisem e participem na comunidade, com autonomia. (FARIA, 2004, p. 02).

O aluno na formação escolar tem a oportunidade de exercitar suas ideias e apresentar aos colegas suas variadas formas de conhecimento, porém, é necessário o interesse de ambos para que isso aconteça.

No projeto rádio escola, os alunos precisam buscar aprender a trabalhar em grupo e executar as ideias em conjunto, para produzir um trabalho de qualidade e apresentar aos demais colegas suas ideias e seu potencial em quanto docente.

Cada docente pode encontrar sua forma mais adequada de integrar as várias tecnologias e procedimentos metodológicos. Mas também é importante que amplie que aprenda a dominar as formas de comunicação interpessoal/grupal e as de comunicação audiovisual/telemática. Não se trata de dar receitas, porque as situações são muito diversificadas. É importante que cada docente encontre o que lhe ajuda mais a sentir-se bem, a comunicar-se bem, ensinar bem, ajudar os alunos a que aprendam melhor. É importante diversificar as formas de dar aula, de realizar atividades, de avaliar. (MERCADO, 2002 *apud* MAINART; SANTOS, p. 08 - 09).

Na rádio escola os alunos produzem seus conteúdos e apresentam suas ideias conforme orientação pedagógica, o espaço de interação é diversificado dentro da instituição de ensino. Assim, de acordo com Assumpção (1999) “as transmissões radiofônicas são em circuito fechado ou semi-aberto ocorridas no interior das escolas. Suas programações são de cunho pedagógico e produzidas pelos alunos sob a orientação de educadores ou especialistas”. (ASSUMPCÃO, 1999 *apud* ALMEIDA, 2009, p. 11).

Almeida (2009) relata sobre a importância dos equipamentos radiofônicos e sua conservação para que os conteúdos sejam transmitidos com boa qualidade.

Naturalmente que uma rádio escola para entrar no ar em perfeito funcionamento são necessários alguns equipamentos como gravador, microfones, caixas acústicas, amplificador, que por sua vez representa um baixo custo podendo ser instalado nas dependências de qualquer estabelecimento de ensino. Com esses recursos alunos e professores produzirão seus próprios programas. (ALMEIDA, 2009, p. 11).

Segundo Martin Barbero (2000) et al, os projetos feitos dentro da rádio escola são interessantes por expor os conhecimentos de cada aluno. Os estudantes valorizam a leitura e buscam aprender cada vez mais com suas formas criativas.

A presença do rádio dentro da escola tem sido uma forma de valorizar a produção/circulação do saber, através da cultura oral, com seu idioma próprio, ou seja, a espontaneidade da narrativa feita pelos alunos, antecedida por uma leitura

e escrita criativas. Para Martín-Barbero (2000) a oralidade cultural das maiorias deve caber dentro da escola: as piadas, as narrativas orais, o mundo dos provérbios e dos ditos populares, a música popular, as narrativas do rap e outras formas de comunicação que têm suas próprias gramáticas e estão presentes com muita força nos meios populares. (BARBERO, 2000 *apud* KLEIN *et al*, 2009, p. 11).

O projeto rádio escola possibilita aos indivíduos colocar em prática suas ideias. Todos têm o direito de participar com democratização e com apresentação de conhecimentos e experiências sobre vários assuntos que envolvem o espaço escolar.

Já as rádios escola são projetos que se utilizam da mídia radiofônica nos espaços educacionais, onde os alunos e professores passam a ser produtores de conteúdos sonoros e não apenas consumidores, contribuindo para a dinâmica da realidade escolar bem como no exercício da cidadania comunitária. A principal característica dessas rádios é a democratização do acesso, pois todos têm o direito de participar comunicacionalmente das ações e decisões que afetam a comunidade onde estão inseridos. (CRUZ; ROSA; TOLEDO, 2011, p. 04).

Com base na concepção de Azevedo e Gonçalves (2004), cada indivíduo possui opiniões diferentes. As autoras destacam a importância do companheirismo e respeito entre os colegas no ambiente escolar. “A construção da cidadania começa pelo respeito à diversidade de opiniões, saber ouvir e saber decidir coletivamente é, portanto, condição de participação. Nas rádios escolares, a pauta é construída no coletivo e, no exercício de sua construção, a ação dialógica torna-se elemento fundamental” (AZEVEDO; GONÇALVES, 2004, p. 04).

O processo de ensino aprendizagem depende essencialmente do interesse do professor e do aluno em adquirir novos conhecimentos, além dos projetos elaborados em sala de aula. Como por exemplo, a rádio escola, que abrange vários métodos de compartilhar conteúdos que cada aluno produz de acordo com sua cultura e saber, possibilitando mostrar suas habilidades, favorecendo novas experiências tanto aos alunos quanto aos professores.

De acordo com Azevedo e Gonçalves (2004, p.11) “o rádio (...) inserido no processo ensino-aprendizagem pode contribuir sendo uma ponte de entrada ao conhecimento de novos estilos, formatos, linguagens, histórias de vida e tudo o mais que a criatividade na diversidade permitir”.

Os alunos necessitam aprender a buscar informações, e não apenas recebê-las de maneira pronta e acabada. Assim, o professor necessita despertar e valorizar a utilização do rádio de forma mais ampla em integração com os demais recursos disponíveis na escola.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O presente artigo teve como objetivo analisar e entender a missão do rádio como um instrumento educacional nas escolas. A conjectura que estrutura o trabalho verificou a relevância do rádio como ferramenta no processo de ensino aprendizagem, visto que, é um veículo democrático e tem um papel importante na transmissão de conhecimentos.

A exploração do tema rádio escolar como ferramenta educacional, teve como propósito entender a função de um meio de comunicação de grande importância no ambiente educacional, além de identificar o processo de desenvolvimento dos colaboradores no projeto.

Sistematizar o método de ensino e reinventar suas formas de propagação de conhecimento é essencial para contemporaneidade em relação aos avanços tecnológicos, desta forma se funde uma interação e motivação dos alunos para com a produção de conteúdo, além de adquirir experiência.

O projeto rádio escola promove um incentivo à coletividade, uma vez que os alunos necessitam trabalhar em equipe. Conseqüentemente, acontece uma troca de culturas, saberes e tradições de cada integrante, seja ele aluno ou professor.

A pesquisa tem por finalidade apresentar um novo método de ensino, possibilitando que os alunos participem do meio educacional, agregando valores e conhecimentos para o crescimento e evolução do indivíduo.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Ademar Torres de. **Rádio: Uma Ferramenta no Processo Ensino-Aprendizagem.** Disponível em: <<http://personzz.com/q/ademar+torres>>. Acesso em: 21 de out. 2015. Horário: 11h30.

AZEVEDO, Adriana Barroso de; GONÇALVES, Elizabeth Moraes. **O Rádio Na Escola como Instrumento de Cidadania: Uma Análise do Discurso da Criança envolvida no Processo.** Disponível em: <<http://formacaoradio.blogspot.com.br/p/dicas-de-leitura.html>>. Acesso em: 24 de out. de 2015. Horário: 14h33.

CRUZ, Fernanda Rodrigues da; ROSA, Rosane; TOLEDO, Susana Tebaldi. **Rádio Escola: Um Instrumento de Construção da Cidadania.** Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/lista\\_area\\_IJ-DT7.htm](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/lista_area_IJ-DT7.htm)>. Acesso em: 09 de nov. de 2015. Horário: 22h51.

FARIA, Elaine Turk. **O Professor e as Novas Tecnologias.** Disponível em: <<http://ciberensinando.blogspot.com.br/2011/03/tecnologia-e-mediacao-pedagogica.html>>. Acesso em: 21 de out. 2015. Horário: 10h33.

FERNANDES, Sidneia Caetano de Alcântara. **As Tecnologias de Informação e Comunicação.** Disponível em: <<http://docplayer.com.br/5202954-As-tecnologias-de-informacao-e-comunicacao-no-ensino-e-aprendizagem-de-historia-possibilidades-no-ensino-fundamental-e-medio.html>>. Acesso em: 21 de out. 2015. Horário: 11h08.

MAINART, Domingos de A; SANTOS, Ciro Meneses. **A Importância da Tecnologia no Processo Ensino-Aprendizagem.** Disponível em: <<http://www.convibra.org/2010.asp?ev=87&p=&lang=pt>>. Acesso em: 21 de out. 2015. Horário: 10h58.

MARQUES, Marlos Feitosa. **Rádio Comunitária e Educação Ambiental: Análise da relação entre Prática Educomunicativa e Concepção de Meio Ambiente de Jovens Comunicadores.** Disponível em: <<http://repositorio.ufpe.br:8080/xmlui/handle/123456789/3781>>. Acesso em: 21 de out. 2015. Horário: 11h47.

MIRANDA, Gilda Soares; KLEIN, Andressa de Souza; SOUSA, Rodrigo Fernandes de; VILHENA, Yasmin Dimanche. **Educomunicação em Rádio: Uma Contribuição para os alunos da Escola Estadual Geraldo Costa Alves na Produção e Recepção da Informação.** Disponível em: <<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/indiceautor.htm>>. Acesso em: 10 de nov. de 2015. Horário: 13h10.

## CAPÍTULO 7

# O DOCUMENTÁRIO COMO ESTRATÉGIA DE MOBILIZAÇÃO

*Rodrigo Mateus Hansen*

### INTRODUÇÃO

O contexto da juventude no Brasil pode ser classificado entre uma faixa etária entre 15 e 29 anos e com uma grande representatividade em relação a população brasileira, considerados os maiores agentes de mudança do cenário no século XX, recebem pouca atenção em relação ao grande poder que possuem em mãos.

A classificação juventude ainda está sendo construída e esse processo, se relacionado com o da infância, a construção tende a ser demorada. A participação do jovem é de crucial importância na consolidação desse processo.

Antigamente, as repressões não permitiam a livre expressão da juventude. Com o avanço da tecnologia e a massificação dos meios, qualquer pessoa pode narrar em tempo real o que está acontecendo em determinada área do país com apenas 140 caracteres e uma conexão com a internet.

As necessidades e desejos de preparo para os novos adventos do futuro partem dos próprios jovens, que anseiam por melhorias e mais atenção em relação aos cuidados com as políticas públicas que atendam suas necessidades.

### 1. DOCUMENTÁRIO: CONCEITOS TEÓRICOS

O vídeo documentário é um gênero conhecido por não envolver grandes quantias financeiras e pode ser produzido com poucos recursos físicos e técnicos. Com um foco na interpretação educacional, esse tipo de material possui demanda desde suas primeiras produções, tornando-se

financiável. Adquiriu essa opção devido ao grande identificador de diversos problemas sociais gerando uma possibilidade ou alternativa para que o governo pudesse trabalhar em cima dos problemas sociais relatados.

Por outra linha de pensamento, os educadores viram no documentário uma grande ferramenta para mostrar os problemas sociais que estavam em vigência na época de seu surgimento e é executado como uma moeda de troca, a partir do momento que o fato é exposto, uma medida pode ser tomada para a resolução de determinado problema.

Segundo Zandonade e Fagundes, (2003, p. 22, *apud* GREIRSON), “começou a formalizar e normatizar o documentário enquanto produto, atribuindo-lhe função social de instrumento de educação das massas e de formação da opinião pública”. O documentário procurou, de forma crítica, levar ao conhecimento dos telespectadores a realidade dos jovens, das políticas públicas voltadas aos jovens e de como é a convivência no Centro da Juventude, localizado no Jardim Europa, na cidade de Toledo. De certa forma, esse tipo de produto áudio visual contribui e dá condições de participação ativa da sociedade nas decisões sociais que englobam todos os indivíduos.

O documentário não se encaixa nos vídeos de ficção por se tratar de acontecimentos reais que envolvem os indivíduos de uma sociedade. Esse filme representa, de forma tangível a demanda distinta do contexto de uma determinada localidade. Ele expressa a compreensão sobre a realidade pouco conhecida da sociedade em geral, que precisa ser exposta e que é o que poderá vir a acontecer, com base em verdades e que precisam ser analisadas pelos diversos ângulos pelo telespectador. O jornalista tem o dever cívico de trazer essas questões pontuais à tona como pontuou o editor americano, Jan Schaffer, um jornalismo “que ajude as pessoas a superarem sua sensação de impotência e alienação, desafiando-as a envolver-se e tomar para si a responsabilidade sobre problemas comunitários”. (HOHLFELDT; BARBOSA, 2002, p. 96).

Como uma representação social, tem o poder de dar novas visões sobre determinados fatos de um mundo conhecido e comum entre as pessoas, para que possa ser explorado e compreendido dando condições para a participação ativa nas decisões que envolvem o ser humano na sociedade.

A abordagem filmica expressa no documentário possui uma abordagem denotativa, com uma abordagem que sempre se aproxima do real, dos fatos que realmente podem ser levados em consideração. Para Metz, “a arte do filme encontra-se no mesmo plano semiológico que a arte literária: as combinações e as limitações propriamente estéticas”. (METZ, 2010, p. 116). Nesse contexto, as gravações precisam estar enquadradas dentro de um enredo, que fornecerá um sentido ao fim de todas as exposições.

As formas de transmissão de mensagens ao público passaram por mudanças desde a invenção da televisão, nos anos 50.

Enquanto que o telejornalismo se sustenta no imediatismo e superficialismo dos assuntos abordados, o vídeo documentário se preocupa com a contextualização dos fatos, indo além de depoimentos desprendidos de linearidade, observados no jornalismo diário de televisão. (ZANDONADE; FAGUNDES, 2003, p. 12)

O imediatismo da televisão trouxe à tona uma gama de novos gêneros tornando crítico o senso dos telespectadores que passaram a receber mensagens e questionar dados mostrando a necessidade da veracidade dos dados perante os produtores.

O documentário com cunho educacional ganhou força por não adentrar a interpretação política e com o tempo, tornou-se financiável por ir ao encontro das necessidades governamentais porque passou a interpretar as demandas e as necessidades do estado tornando o vídeo documentário executar a criatividade do profissional atuando de forma interpretativa em relação a realidade exposta.

## **2. DOCUMENTÁRIO E ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS**

O objetivo principal de um documentário de cunho social é conscientizar a sociedade em relação ao potencial do jovem. Do primeiro rascunho, passando pelas filmagens, edição e finalização do produto, uma linha fora traçada e seguida de forma fiel, obedecendo aos parâmetros instaurados para a confecção. O método de pesquisa utilizado neste artigo é o bibliográfico descritivo e exploratório.

A qualidade descritiva ocorre por meio da investigação, da análise dos comportamentos dos indivíduos em sociedade e em relação a posição do jovem nos dias atuais, por meio de uma abordagem social, pretende-se incentivar a comunidade a estar unida e participar ativamente dos processos sociais embutidos em torno do tema, trabalhando para que se reconheçam perante os depoimentos apresentados e que busquem soluções para os problemas que surgem na comunidade.

Para Marconi e Lakatos (2002, p. 84), a pesquisa descritiva “consistem em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou a análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave”. O envolvimento do pesquisador e a afinidade são fatores importantes para o trabalho de pesquisa descritivo exploratória. A carga de leitura leva o pesquisador ao envolvimento do levantamento bibliográfico gerando um problema de pesquisa de forma consciente. A descrição das características e a técnica que pode ser utilizada para uma coleta de dados de forma correta e sem eventuais problemas de análise.

A pesquisa exploratória entra em um ambiente novo com o objetivo de trazer novas ideias à tona. Marconi e Lakatos (2002, p. 85), afirma ainda que:

[...] são investigações de pesquisa empírica cujo objetivo é a formulação de questões ou de um problema, com tripla finalidade: desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno para a realização de uma pesquisa futura mais precisa ou modificar e classificar conceitos.

A análise das entrevistas feitas in loco pode fornecer ao pesquisador, quando à frente da produção do projeto, experiência descritiva perante ao problema social exposto pelo produto filmico. Quando um produto segue as diretrizes necessárias de sua classificação, ao ser distribuído, atinge o público com o efeito desejado, que, nesse caso é conscientizar a sociedade em relação ao poder que o jovem tem em mãos.

Por meio do viés descritivo, analisamos vários autores e suas posições sobre o tema abordado. A importância da pesquisa bibliográfica está claramente expressa na afirmação de Maria Margarida de Andrade (2001, p. 39):

[...] A pesquisa bibliográfica é a habilidade fundamental nos cursos de graduação, uma vez que constitui o primeiro passo para todas as atividades acadêmicas. Uma pesquisa de laboratório ou de campo implica, necessariamente, a pesquisa bibliográfica preliminar. Seminários, painéis, debates, resumos críticos, monografias não dispensam pesquisa bibliográfica. Ela é obrigatória nos projetos exploratórios, na delimitação de um tema de um trabalho ou de pesquisa, no desenvolvimento de um assunto, nas citações, na apresentação das conclusões.

A busca de conteúdo na internet não é confiável e o recomendado é que essa base de pesquisa bibliográfica seja realizada por meio de livros e artigos científicos publicados e reconhecidos por seu conteúdo.

Para a produção, foi necessário solicitar autorização junto ao departamento responsável pelo centro da juventude. A Secretária da Juventude, Jaqueline Machado recebeu a solicitação e de imediato informou que não haveria problemas em realizar a gravação do documentário desde que fosse fornecido cópia de declaração de autorização do uso de imagens dos jovens participantes.

Em relação aos jovens, por sua vez, menores de 18 anos, precisavam solicitar aos pais a assinatura no termo, que contém espaço para os mesmos.

No termo, para todos os fins em direito admitidos, os participantes autorizam expressamente a utilização da minha imagem e voz, em caráter definitivo e gratuito, constante em fotos e filmagens decorrentes da participação no projeto executado para a produção de um documentário a fim de atender a disciplina de Educação e Comunicação, sobre a orientação do professor Leandro de Araújo Crestani, com cunho Educomunicativo, valorizando a opinião dos jovens que frequentam o Centro da Juventude.

Com o objetivo de explicar aos pais, enalteçemos a posição de que os jovens são o futuro do país e a opinião deles precisa ser levada em consideração, que eles precisam ser ouvidos, que dar voz ao jovem pode formar o cidadão, transformando-os em indivíduos antenados e alertas para situações futuras, como perante a mídia e para uma leitura crítica da vida em um contexto geral.

Explicamos também que as imagens e a voz poderão ser exibidas: nos relatórios parcial e final do referido projeto, na apresentação áudio

visual do mesmo, em publicações e divulgações acadêmicas, em festivais e premiações nacionais e internacionais, assim como disponibilizadas no banco de imagens resultante da pesquisa e na Internet, fazendo-se constar os devidos créditos.

O documento de autorização deixava explícito que o aluno Rodrigo Mateus Hansen fica autorizado a executar a edição e montagem das fotos e filmagens, conduzindo as reproduções que entender necessárias, bem como a produzir os respectivos materiais de comunicação, respeitando sempre os fins estipulados pelo documento.

### 3. A REALIZAÇÃO DO DOCUMENTÁRIO

As primeiras filmagens foram realizadas na tarde do dia 1 de setembro de 2015, no centro da Juventude do Jardim Europa, com jovens, professores e profissionais técnicos.

FIGURA 1 – Professora de Judô - Jéssica Gomes do Carmo.



Fonte: Realizado pelo autor da pesquisa (2015).

O tema participação é um assunto que está muito em moda. Depois da abertura da ditadura militar muito se fala a respeito. A questão da participação da juventude é complexa. A participação em si

pode ser considerada como a cidadania ativa. Participação exige senso crítico, além de participar das atividades fornecidas pelo poder público, é importante estar presente nos ambientes institucionais. Entretanto, no que tange a questão histórica, o ponto que está em evidência nos dias atuais são as políticas públicas.

Segundo Soares, “[...] as políticas públicas em condições de aumentar o interesse pela escola deveriam ser basicamente de suas ordens. 1) Ampliação do ensino técnico profissionalizante e, 2) inclusão das tecnologias de comunicação e informação nas escolas.” (SOARES, 2014, p. 25). Essa questão pontual traz à tona toda a história de participação do jovem em sociedade. As políticas públicas existentes até então foram conquistadas, não apareceram porque um dia alguém achou que elas seriam úteis. Elas foram socialmente construídas ao longo do tempo, por meio dos desejos e anseios dos próprios jovens.

FIGURA 2 – Jovem - Felipe Barbosa da Silva.



Fonte: Realizado pelo autor da pesquisa (2015).

Para Soares, (2014) a implantação de políticas públicas é uma das formas de participação do jovem nas decisões de seu futuro.

A ampliação das formas de participação devem ser traduzida essencialmente em um ganho de autonomia, de autoconfiança e de autodeterminação, numa fase da vida em que o jovem se preocupa e se experimenta empenhado que está na construção de sua identidade pessoal e social e no seu projeto de vida. (COSTA, apud SOARES, 2014, p. 26).

Não podemos, perante as suposições, ficar presos ao essencialismo<sup>1</sup>. A geração de jovens das décadas passadas são os adultos do século XX e as crianças são os futuros jovens da próxima década. O ponto a que se quer chegar refere-se especificamente a não banalização da essência existente no espírito jovem. O sensacionalismo é uma tendência que impõe ao jovem que ele é o futuro do país, que eles são os anjos com trombetas que vão anunciar o paraíso ou que é uma classe perigosa.

Existe algo que caracteriza o ser jovem com pontos como angústia, negação da geração anterior, das ansiedades e essa questão pontual passa a ser analisada mais a fundo a partir dos anos 80. Os estudos da sociedade chegaram à conclusão que a juventude não era só isso. Existiam características próprias, ligadas à identidade do indivíduo.

O uso das novas tecnologias pela juventude aumenta dia após dia. Soares (2014) classifica que “as redes sociais, possibilitadas pela internet vêm ganhando importância para a na formação de hábitos e na maneira como os jovens convivem socialmente, construindo conceitos próprios quanto a forma de aprendizado, podendo, até mesmo, desenvolver aguçado senso crítico em suas relações com o mundo”. (SOARES, 2014, p. 28).

O ponto mais importante dentro das políticas públicas que envolvem os jovens é o questionamento. A educação socrática de questionar está implícita na juventude e precisa ser exercida. É a imposição do questionamento em relação à verdade.

Com os avanços da internet, a cada dia estamos mais conectados e assim surge a necessidade da educação perante os meios. O conceito de Educomunicação<sup>2</sup> guia professores e agentes ativos na comunidade a instruir os jovens à conscientização em relação às mídias.

---

1 Segundo o dicionário Aurélio, o essencialismo é a ideologia e/ou doutrina que se baseia na essência em detrimento à existência.

2 A Educomunicação cumpre a tarefa de gerar o debate entre a juventude, a educação e as práticas educacionais. Considerada como uma práxis social, originou-se da necessidade de orientação entre as ações e a sociedade.

O jovem gosta de ser ouvido, gosta do diálogo, e o poder que a juventude necessita para participar ativamente dos acontecimentos em sociedade está implícito na formação educacional crítica com conhecimento do ambiente político e de políticas públicas.

Segundo Soares (2014, p. 31), o contato da juventude com a mídia tem se tornado frequente e a participação leva a um conhecimento e interesse pela comunidade local devido a

Essa participação, ativa das crianças, adolescentes e jovens no processo de produção midiática tem demonstrado consequências interessantes. Os jovens participantes desses projetos apontam o desejo de encontrar nas possibilidades de produção da cultura através do uso dos recursos da comunicação e da informação, os sonhos cotidianos e a transformação da realidade do local. Eles se abrem para a compreensão crítica da realidade social e ampliam o seu interesse em participar da construção de uma sociedade mais justa, confirmando sua vocação pela opção democrática da vida em sociedade.

O resultado desse envolvimento é a ampliação do vocabulário, conhecimentos locais da comunidade, amadurecimento e inspiração para a criação de novas práticas educacionais atendendo a coletividade.

A expressão cidadania ativa<sup>3</sup> se encaixa melhor no contexto das necessidades dos jovens nos dias atuais. Para ter direito a voz é preciso entender o vocabulário da juventude e não permitir que tratamentos infantilizados aos jovens. Se uma ideia não foi compreendida, necessita-se de um estudo e um aprofundamento para que aquilo que foi exposto se torne claro.

A cidadania ativa, com base no pensamento crítico, não se contenta com o que o estado dá. A juventude tem o desejo de novas opções, novas alternativas que podem ser atendidas por meio de políticas públicas decentes. A juventude brasileira tem sede de reconhecimento.

O assunto em debate não pode ser banalizado<sup>4</sup>.

---

3 Entende-se cidadania ativa por aqueles que se encontram e dialogam. Dos gregos, eram quem participava da Ágora, quem podia discutir e dialogar.

4 Segundo o dicionário Aurélio, banalizado é tornar-se banal, vulgar; vulgarizar-se.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A exibição do documentário com viés educacional, com ênfase na necessidade de participação jovem na comunidade, mostra aos indivíduos que vão receber a mensagem a importância da abordagem do tema em sociedade.

Os jovens que ainda não entenderam seu papel social, podem, por meio dele, conscientizar-se, mobilizar-se e lutar pelos direitos de uma classe que passa pela melhor fase vivida pelo ser humano: a fase de aproveitar as oportunidades.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Margarida. Introdução a Metodologia do Trabalho Científico. São Paulo: Editora Atlas, 2001.

ANJOS, M; FERREIRA, M. B. Dicionário Aurélio. Rio de Janeiro. Editora Nova Fronteira, 1999.

HOHLFELDT, Antonio; BARBOSA, Marialva. Jornalismo no século XXI – A Cidadania. Porto Alegre. Editora Mercado Aberto, 2002.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. Técnicas de Pesquisa. São Paulo: Editora Atlas, 2002.

MASCARELLO, Fernando. História do Cinema Mundial. Coleção Campo Imagético – Papirus Editora. 2006.

METZ, Christian. A significação no Cinema. São Paulo. Coleção Debates. Editora Perspectiva, 2010.

NICHOLS, Bill. Introdução ao documentário. Papirus Editora, 2005.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: O conceito, o profissional e a aplicação. São Paulo: Editora Paulinas. 2014.

ZANDONADE, Vanessa; FAGUNDES, Maria Cristina de Jesus. O vídeo documentário como instrumento de mobilização social. Assis – São Paulo. Instituto Municipal de Ensino Superior de Assis/Fundação Educacional do Município de Assis – Monografia do curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo.



**FASUL**

**FACULDADE SUL BRASIL**

